



JÚLIA MIRANDA
Professora

// Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques

Quando a liberdade versa com o existir das chamas que buscam a próxima fronteira a ser desbravada

Ao riscar de cada fósforo, uma combustão de vida. Já ao primeiro olhar, o fascínio pelo fogo ecoa nos cabelos em tons escarlates de Júlia Maria Pereira de Miranda Henriques. O batom cor-de-rosa contorna os lábios com precisão, e os brincos, como faíscas, emolduram as feições marcadas pela vaidade. A longa saia, que, não fosse o salto alto, tocaria o chão, dança com graça ao ritmo dos passos fortes e desenha a chama que se faz mulher diante de nós, numa incandescente simbiose de firmeza e delicadeza.

Como chama que nasce contida, as primeiras palavras verbalizam-se tímidas sob a miragem de um ponto fixo que, às janelas do eu-Júlia, parece significar. A menina que, desde cedo, abria o portão do quintal de casa para descobrir o brincar na praia ensaia o vislumbrar da próxima fronteira a ser desbravada. Fala com a voz mansa, as duas mãos e outros tantos fonemas soltos. O olhar que, de início, remete ao desejo de fuga, é o mesmo que traduz o caminho metricamente traçado por ela. Júlia sabe que "viver é fazer escolhas e suportar as consequências".

Foi assim, feito incêndio de vários focos, que ela tomou fronteiras e as fez de si mesma. Atravessou-as com coragem, viajante destemida. A menina educada para falar muitas línguas e ser diplomata decidiu ganhar o mundo, mas não da forma como o pai engenheiro havia projetado para a filha-prodígio. A vontade do encontro com gentes a fazia mais gente, e o apreço pela escrita a moldou uma contadora de histórias. Júlia viveu o jornalismo boêmio e ensinou-o criativo. Mas, para ela, não bastava.

O mesmo faro curioso a fez, então, pesquisadora. E, mesmo sem gostar da Fortaleza onde cresceu, as andanças mundo afora sempre a traziam de volta ao recanto da aurora infantil. Construiu o universo à maneira dela. Tornou-se universal. A universidade é ela e ela é a universidade. Para além das linhas imaginárias, as ciências sociais a fizeram

desnudar fronteiras culturais, políticas, ideológicas. Assim como num incêndio, as lembranças tomam formas pelos devaneios, e Júlia alastra-se por vontade própria. Preza pelo controle das atitudes, dos atos e dos sentimentos com o rigor científico que a acompanha em tempo (quase) integral.

A mulher de alma rubra, dona das próprias vontades, também tem as próprias crenças. As lições aprendidas no colégio de freiras, com o tempo, não lhe faziam mais sentido. Como em oração, não cansa de repetir que "religião, só como objeto de estudo!". Mas há algo que faz a chama permanecer acesa. Júlia é mulher de fé encarnada. Acredita no ser humano. "Deus é uma criação do homem", diz sem pestanejar. Talvez isso explique a paixão pelos diferentes espaços de socialização e pelas marcas que deixam nas pessoas. Nela, eles deixaram marcada a política. A Júlia que está à frente já não lembra a entusiasta de outrora, que lutava por igualdade em tempos de repressão. A comunista de salto alto deixou a militância partidária de lado, mas pensar a vida no espaço público ainda é ardor que não tem fim.

Júlia é lume que emana calor. Coincidência ou não, o destino fez da mulher encantada por velas um exemplar fascinante, cujo combustível é o amor. Os ventos da vida, por vezes, ameaçam apagá-la. Júlia, contudo, não se permite ser fraca. Forte, fogueira. Tem momentos de insegurança. Teme as limitações do envelhecer, mas a solidão nunca lhe foi breu. Não quer deixar de ser livre. Feito chama em constante movimento, nunca sabemos onde começa ou termina. É uma em várias, ou várias em uma. A liberdade versa com a própria existência. Júlia Miranda é fogo de artifício que produz luz colorida muito viva e enche os olhos de quem tenta entender o balanço flamejante que não se apaga.

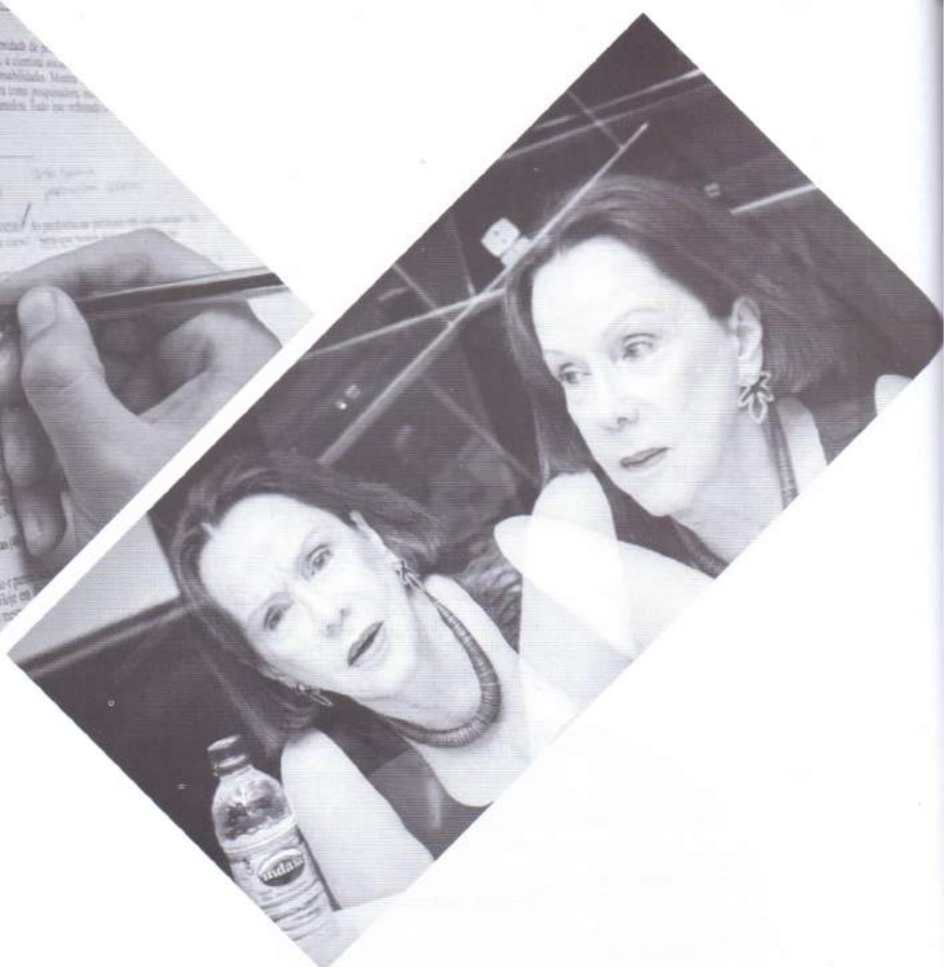
Ficha Técnica

Equipe de produção:
Andressa Souza
Joyce Lopes

Entrevistadores:
Andressa Souza
Analu Moraes
Bárbara Rocha
Camila Aguiar
Jéssica Maria Viana
Joyce Lopes
Luana Barros
Paulo Jefferson Barreto
Raíssa Veloso
Roberta Souza
William Santos

Fotografia:
Gustavo Sampaio

Texto de abertura:
William Santos



Entrevista com Júlia Miranda, realizada no dia 17 de outubro de 2013.

Andressa — Como foi escolher o Jornalismo e não as Ciências Sociais em um primeiro momento?

Júlia Miranda — É uma pergunta que eu me faço permanentemente desde 1968 quando eu fui fazer vestibular. A terceira turma de Jornalismo foi contemporânea da primeira turma de Ciências Sociais, faziam parte da mesma Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, inclusive boa parte dos professores da primeira turma das Ciências Sociais dava aula para a terceira turma de Jornalismo. As duas me atraíam igualmente, as duas vias, os dois cursos. Ofereciam-me a possibilidade de exercitar minha curiosidade, tanto nas Ciências Sociais quanto no Jornalismo, me ofereciam a possibilidade de estar sempre em contato com pessoas — e eu adoro pessoas — e, em terceiro lugar, me ofereciam a oportunidade também de escrever — e é uma das coisas que eu mais gosto de fazer. Acabei optando pelo Jornalismo e assisti ao longo do curso de Jornalismo várias aulas dentro das Ciências Sociais, porque o Jornalismo funcionava à noite, e as Ciências Sociais funcionavam de dia, tive professores que foram meus professores na graduação e depois foram meus professores novamente no Mestrado em Ciências Sociais. Eu entrei no Jornalismo com o projeto (*ênfase*) de virar correspondente de guerra. E fiz essa opção... Não, não me arrependo de jeito nenhum! Eu não apenas fiz Jornalismo, eu fui jornalista.

Joyce — O que é que fazia você querer ser correspondente de guerra?

Júlia — Os devaneios dos 19 anos, talvez. Lembro-me das reportagens da Oriana Fallaci (*repórter italiana e correspondente da guerra do Vietnã em 1967*), correspondente de guerra mundo afora, e eu avidamente a ler e a me colocar no lugar dela.

O destino tem umas coisas tão curiosas, a minha primeira matéria jornalística, feita ainda na condição de estagiária lá no jornal *O Povo*, a minha primeira matéria... Na verdade, o (*José Caminha*) Alencar Araripe, que era diretor do jornal e professor do curso de Jornalismo, me levou *pra* lá, e praticamente me colocou dentro da redação, à revelia dos colegas que lá estavam — todos homens (*ênfase*) e olhando meio atravessados *pra* uma estudante, a única mulher da redação, com cara de patricinha. Eu estava dizendo que o destino é curioso porque o chefe de reportagem na época,

Assis Tavares, me chamou e disse, em outras palavras: "Onde é que eu vou lhe colocar dentro da redação?". Ele me mandou fazer uma reportagem, uma entrevista com um americano que tinha família no Brasil e estava em Fortaleza, falava mal, porcamente, mas falava português, e tinha estado na Guerra do Vietnã. Eu pensei cá comigo: "O que é que tem que ver?". Absolutamente anti-americana (*ênfase*) que eu era e ainda sou. (*Pensei:*) "Na certa estão pensando que eu vou levantar a bola pro combatente americano em defesa da pátria", e fui entrevistar esse rapaz. Não me perguntem como foi a entrevista, sei que eu fui bem recebida, obviamente, mas o resto eu não me lembro. Lembrei há pouco tempo desse detalhe e, quando eu trouxe o texto de volta, o Assis Tavares olhou assim e (*disse*): "É, você tem um bom texto". E eu pensei cá comigo: "Isso eu já sabia!" (*todos riem*) Foi a única relação da jornalista com alguma coisa ligada à guerra foi essa.

William — Mas foi só por querer ser correspondente de guerra que você escolheu o Jornalismo? Muitos dos seus amigos fizeram, naquele mesmo ano, vestibular para Ciências Sociais. O que foi que determinou a sua decisão?

Júlia — William, sabe que eu não sei? Não sei, não sei! Antes de ter de pensar entre Jornalismo e Ciências Sociais, eu fiz o curso Científico (*antiga opção de ensino formal, correspondente ao Ensino Médio atual*). Era para o pessoal que ia para a universidade, fazer um curso superior. Eu fui fazer o curso Científico no Colégio Batista porque eu queria fazer Arquitetura (*bate na mesa enfatizando*). E, quando eu dizia que queria fazer Arquitetura, eu devia ter menos de 15 anos, porque meu pai morreu (*quando*) eu tinha 15 anos e ele dizia: "Você só inventou de fazer Arquitetura para sair de Fortaleza!" — porque não tinha curso de Arquitetura em Fortaleza. Eu não sei se esse encantamento com o diferente, com o novo, acabou me levando, mas não é o caso. Não sei, William, não sei. Tentei lhe responder pensando alto, mas não deu em nada! (*todos riem*)

Jéssica Maria — A gente está falando um pouco sobre esse embate entre Jornalismo e Sociologia, na decisão sobre qual área de pesquisa atuar, em que campo de trabalho seguir, o que é que você não se via fazendo?

Júlia — Nas Ciências Sociais? Nunca tive a

Júlia Miranda foi quase uma unanimidade na escolha dos nomes dos futuros perfis da Revista Entrevista. Foi eleita na primeira votação com oito votos de 11.

Nossa turma foi a última que Júlia ensinou na graduação. A professora afirmou que considera ter sido uma etapa "fechada com chave de ouro".

Sempre que a equipe de produção tentava falar com Júlia, ela estava muito apressada para as aulas no mestrado. Por isso, Andressa e Joyce tiveram de marcar a pré-entrevista dentro do banheiro dos professores no Departamento de Comunicação.

menor dúvida de que eu queria trabalhar com religião e política! Nunca tive. Quando eu era aluna do professor Diatahy (*Diatahy Bezerra de Menezes*) na graduação (*ênfase*), depois eu fui aluna dele no mestrado, foi ele inclusive que me orientou no mestrado. Mas, quando eu era aluna dele na graduação, eu já dizia: "Se eu resolver fazer mestrado, eu vou trabalhar com religião". Ele até brincava: "Como assim com

como objeto de estudo.

Luana — Você passou três anos e meio como jornalista. Eu queria que você contasse como foi essa rápida experiência no jornalismo.

Júlia — Fascinante! Não quer dizer nada, mas ao mesmo tempo é assim que eu sinto. Quando eu estava no último ano do curso de Jornalismo, o Alencar Araripe de quem eu

“Eu acredito, firmemente, absolutamente, convictamente, no ser humano. (...) Aquilo de que é capaz o homem, isso sim me fascina, isso sim me atrai.”

religião?” “Não sei como”. E com a política. A política — eu tenho muita clareza que a política como prática, a política como campo de produção de conhecimento, a política como o que seria mais tarde, um objeto de estudo —, entrou na minha vida na universidade. O meu despertar para a convivência com os demais, inclusive, sobretudo, com os diferentes, esse despertar político no sentido bem lato começou quando eu entrei na universidade. Religião por quê? Não sei. Eu sempre gostei muito de ler, história principalmente. Os cinco anos que eu passei no colégio de freira (*Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza*), eu li, li muito, muito, muito geopolítica, li muito história universal, li muito... Ou seja, foi sempre um prazer *pra* mim esse atravessar fronteiras culturais, políticas e estar... Para nós que somos ocidentais, para nós que somos de uma sociedade de matriz cristã particularmente católica, para nós o cristianismo é o melhor caminho — pelo menos eu costume dizer sempre isso para os meus filhos, digo sempre para os alunos e tenho tido oportunidade de discutir sobre o assunto. Conhecer-se como brasileiro, conhecer-se como cidadão do assim chamado Ocidente é impossível sem um bom mergulho na história do cristianismo. Não estou falando do cristianismo do ponto de vista religioso, estou falando do ponto de vista do cristianismo como corrente de pensamento, do cristianismo como uma das bases e dos alicerces inclusive da cultura secular no Ocidente. Não sei se o amor pela história, pela geopolítica, que necessariamente passava pela religião no sentido lato, guerras religiosas, Reforma Protestante, cristianismo como braço religioso das conquistas na América Latina, enfim... Estou convencida de que o meu conhecimento sobre a tradição cristã, a contribuição civilizacional da tradição cristã, esse conhecimento é absolutamente indissociável tanto do meu fascínio pela política, como do meu fascínio pela religião

acabei de falar e a professora Adísia Sá, ambos professores do curso, me chamaram um dia e me perguntaram se eu não queria ir trabalhar no jornal *O Povo*. Eu disse: “Trabalhar não, né? Estagiar!” “Não, é trabalhar”. O Alencar Araripe, que era diretor do jornal, disse: “Venha conversar comigo que eu já sei até onde eu quero que você vá trabalhar. Professora Ivonete Maia (*Maria Ivonete Moreira Maia, falecida em 2012*) está se afastando e eu quero que você fique com a página diária de Educação e Cultura”. Eu olhei *pra* ele: “Uma página diária de educação e cultura? Eu não dou conta disso, não, professor!” “Eu acho que você dá conta. Será que eu confio mais em você do que você mesma?” Colocou-me contra a parede. Eu disse: “Então vamos experimentar”. E fiquei, (*no*) meu último ano de curso de Jornalismo, responsável pela página de Educação e Cultura no jornal *O Povo*. Era a única mulher da redação, era a mais nova, então todo mundo me ajudava a encher a minha página todo dia. O José Maria Melo (*repórter*), que fazia cobertura do aeroporto, voltava de lá e dizia: “Juju, Juju, eu trouxe um material que dá *pra* uma matéria pequenininha, mas já dá *pra* fechar uma página”. Quando eram autoridades da área de educação e cultura que chegavam a Fortaleza, ele entrevistava lá no aeroporto e trazia os dados para eu fazer a matéria e fechar a minha página, porque eu só podia sair da redação depois que a página estava fechada. Vocês não sabem o que é isso não, mas tinha de fechar página na base da reguinha, na base da diagramação de reguinha, de completar com anúncio quando faltava um pedacinho, etc. Era um negócio meio difícil, um quebra-cabeça!

Eu terminei a faculdade no final de 1971, em dezembro, quando foi em abril (*de 1972*), eu ganhei uma bolsa da Organização dos Estados Americanos (*OEA*) para fazer um curso de Jornalismo Científico e Educativo,

Na ocasião, elas descobriram que Júlia era claustrofóbica. O motivo foi a agitação da professora quando a trava do cubículo emperrou e a impediu de sair por alguns segundos.

uma especialização em Jornalismo Científico e Educativo, no Centro Interamericano de Estudios Superiores de Periodismo de la America Latina (CIESPAL). E lá fui eu! Lá fui eu, vivi experiências fantásticas nesses três meses de curso. Éramos jornalistas de praticamente todos os países da América Latina, e brasileiros só tínhamos eu e um jornalista do *Jornal do Brasil* (Fritz Utzeri, falecido em 2013). Quando eu voltei, me apresentei no quartel (*jornal*), mas o Tancredo Carvalho (*editor geral*) tinha criado uma editoria de Administração e Política e me chamou *pra* trabalhar com ele. E eu entreguei a página de Educação e Cultura e fui trabalhar com Administração e Política. Afinal de contas, como eu disse *pra* vocês várias vezes em sala de aula no semestre passado, religião e política são as minhas duas paixões. Política como prática também, religião só como objeto de estudo. (*risos*)

William — Você falou que quando você foi convidada para o jornal *O Povo*, você disse: “Eu não dou conta da página de Educação e Cultura”. É curioso pensar no que você falou naquela época, quando a gente analisa a sua trajetória e enxerga que ela é muito enraizada, sobretudo, na educação. Como é que você avaliaria toda essa trajetória como jornalista? Você sente orgulho do que você fez durante a graduação e aqueles três anos trabalhando como jornalista?

Júlia — (*vai respondendo enquanto William ainda pergunta*) Sim (*repete oito vezes*). Com certeza! O susto que eu tomei que me levou a dizer: “Eu não dou conta”, é porque eu era uma mera estudante do penúltimo ano de Jornalismo e o que ele estava me oferecendo, ele, Alencar Araripe, era uma editoria. Editoria era uma página diária. Eu achei que eu não tinha cacife, não tinha como dar conta disso. Mas você tem toda a razão se você pensou isso, porque eu também penso, que ter entrado no Jornalismo trabalhando com ciência, com cultura, com educação e mais tarde com política (*vai batendo na mesa a cada tópico*), talvez venha daí a consolidação do meu interesse pela vida acadêmica, pela política como objeto de estudo, como área de estudo.

William — A Júlia pesquisadora se orgulha da Júlia jornalista, então?

Júlia — Com certeza, sem sombra de dúvida! E tem saudade de várias traquinagens jornalísticas, com certeza, com certeza.

Analu — Qual foi o momento da sua carreira em que você teve o *insight*: “Puxa, não é bem o Jornalismo que eu quero seguir”?

Júlia — É difícil você ter clareza em relação a isso. Viver é fazer escolhas, né? Fazer escolhas e agir em consequência, inclusive suportar as consequências. Esse processo de ir fazendo escolhas não aparece com uma clareza que você possa racionalizar. O que eu



sei é que o mais perto que eu posso chegar de uma resposta *pra* você, e aqui não é por causa da memória não, mas é porque eu estou convencida de que essa resposta é impossível, de uma forma objetiva, o mais perto que eu posso chegar disso é que num determinado momento ser jornalista respondia pouco a minha curiosidade, respondia pouco aos meus projetos profissionais, e me voltei *pra* janelinha que eu tinha deixado aberta no passado. Resolvi que ia construir uma carreira acadêmica e essa carreira acadêmica ia ser construída com ênfase absoluta na pesquisa, embora eu nunca tenha tido a ilusão de achar que pesquisa pudesse ser desvinculada de docência. Mas a passagem não se deu assim do jornal *O Povo pra* UFC, não. Eu ainda estava no jornal *O Povo* quando o jornalista Tancredo Carvalho foi convidado pelo governador César Cals (*bate na mesa quando fala o nome de cada pessoa*) em 1974, quando ele assumiu, o governador criou a primeira assessoria de imprensa governamental e convidou o Tancredo Carvalho para dirigir essa assessoria de imprensa (*César Cals de Oliveira Filho foi governador do Ceará de 1971 a 1975*). E o Tancredo me convidou *pra* trabalhar com ele de novo. Eu larguei o jornal *O Povo* e trabalhei um pouco... Eu não tenho muita clareza se durante um tempo eu fiquei nos dois. Fui trabalhar com o Tancredo na assessoria de imprensa e lá novamente eu era a única mulher da equipe. Trabalhei na assessoria de imprensa do governador César Cals e foi nesse período entre jornal e assessoria de imprensa que eu fui me dando conta de que não era isso que eu queria.

Luana — Júlia, mas aconteceu uma desilusão com o Jornalismo, uma decepção?

Júlia — Humm, de jeito nenhum! Não. Talvez até eu não tenha visto na época, como eu disse agora, Luana, que eu não vi como era que as minhas paixões poderiam continuar

Para montar o material de produção, a equipe entrevistou, além da própria Júlia, os professores Silas de Paula e Auxiliadora Lemenhe; os três filhos: Mariana, Carolina e Bernardo; e o orientando da sociologia Eliakim Lucena.

A professora Auxiliadora Lemenhe recebeu a produção em casa. Muito solícita, ela depois disse para a amiga Júlia ter adorado a conversa.

Já o professor Silas de Paula encontrou a produção na sala do Mestrado em Comunicação da UFC. Ao final da conversa, munido de um livro de fotografia, ele ressaltou que a produção deveria ver Júlia com outros olhares.

sendo vividas e aumentadas na prática do Jornalismo em Fortaleza. Não, não... Enfim, não foi uma desilusão, mas um não-enxergar de possibilidades. Resolvi que ia me dedicar à vida acadêmica e à pesquisa, principalmente. Lembro-me quando eu disse *pra* Adísia, a Adísia disse: "Que coisa boa ouvir isso! Na hora em que o curso de Comunicação abriu possibilidades para pesquisa, nós já sabemos quem chamar". Outra vez ela me disse, eu falei daquela nossa conversa até com o (*Heitor*) Faria Guilherme, que era professor do curso e depois foi diretor do centro (*refere-se ao Centro de Humanidades da UFC, Faria faleceu em 2010*), e o Faria disse: "Mas nós temos de achar um jeito de trazer a Juju *pra* cá. E eu como diretor do centro eu acho que *tá* na hora mesmo de a gente pensar em pesquisa". Só sei que não foi nada disso que aconteceu.

A professora Ivonete Maia foi fazer mestrado no Rio de Janeiro, Adísia me telefona e diz: "Júlia, chegou a hora! Nós queremos que você venha conversar conosco, eu, o Faria, e nós temos uma proposta *pra* você!".

e uma profissional por quem eu sempre tive o maior respeito. Mas são coincidências da vida. Duas vezes a pessoa que estava nas funções que eu passei a ocupar era a Ivonete Maia, que uma vez veio assessorar o reitor da UFC e outra vez foi fazer o mestrado em Comunicação, em Jornalismo, no Rio de Janeiro. E teve uma terceira vez que aí eu digo: "Ivonete, dessa vez em hipótese alguma poderia ter acontecido uma terceira vez!" — foi quando ela dava assessoria de imprensa à primeira-dama do Estado, que era a finada dona Lídia Bezerra, mulher do Aduvaldo Bezerra (*governador do Ceará de 1975 a 1978*). Eu disse: "*Pra* tudo tem de ter um limite". Ela (*Ivonete*) disse: "Praticamente se criou uma história de a gente passar pelas mesmas experiências jornalísticas, *né?*". Eu digo: "Não, mas a história acabou aqui, porque assessora de imprensa de primeira-dama é um pouquinho demais".

Barbara — Júlia, você estava falando que sempre teve um interesse muito grande pela pesquisa. A docência não estava nos seus



Eu digo: "Opa! Vão começar a trabalhar com pesquisa!". Quando eu chego *pra* tal conversa, era *pra* me propor assumir as disciplinas da Ivonete que eram Relações Públicas I e Relações Públicas II. Minha gente, a minha decepção é "indizível". Indizível! Eu digo: "Baixinha — de vez em quando eu chamo a Adísia de baixinha —, e eu com isso? O que é que eu tenho que ver com *Relações Públicas?*" (*Júlia fala em tom de indignação e todos riem*) Depois de eu dizer que eu queria trabalhar com pesquisa! E ela disse assim: "Me ouça, me ouça! Entre e depois você constrói o seu lugar dentro da academia". E eu ouvi o conselho da Adísia. Ministrei Relações Públicas I, Relações Públicas II, depois foram entrando... Contando nos dedos, eu ministrei oito disciplinas diferentes no curso de Jornalismo! (*Conta nos dedos*) Relações Públicas I, Relações Públicas II, Jornalismo Impresso I, Jornalismo Impresso II, Práticas de Redação, Comunicação Comparada, Teorias da Comunicação e a minha Metodologia de Pesquisa.

Raíssa — Você já citou duas vezes a Ivonete Maia abrindo caminho para a sua passagem. Você acha que foi mera coincidência ou tem algum simbolismo da figura dela na sua vida?

Júlia — Uma grande, queridíssima amiga

planos inicialmente.

Júlia — (*concordando*) Não.

Barbara — Eu queria saber como foram esses primeiros anos como professora e o que faz permanecer até hoje nessa profissão.

Júlia — A gente tem umas paixões que são à primeira vista e tem outras que vão se construindo aos poucos. Quando eu falava... Realmente, é verdade quando eu falei *pra* Adísia: "Eu realmente resolvi que o meu caminho é academia, eu quero fazer pesquisa acadêmica", e ela me chama para dar aula de Relações Públicas, foi um choque horrível. Foi um choque horrível, mas (*ênfase*) eu nunca tive problema com aluno em sala de aula, não. Muito pelo contrário, o relacionamento sempre foi bastante afável. Aos poucos o gosto pela docência foi se impondo de uma forma tal que, quando o curso de Comunicação foi começar a pensar em pesquisa, eu já era professora há pelo menos dez anos.

Eu disse para vocês que vocês seriam a minha última turma da graduação e de vez em quando, quando eu penso nisso, me dá uma tristeza profunda porque... Hoje eu não tenho dúvida nenhuma, independentemente de Capes (*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*) e de Cnpq (*Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e*

Os três filhos foram entrevistados por e-mail, já que uma mora no Canadá, outra, na Escócia e o caçula, por ser médico, tem uma rotina muito atribulada.

Tecnológico), que docência e pesquisa são coisas absolutamente indissociáveis! Porque a pesquisa alimenta a sala de aula e a sala de aula traz motivações e *insights* para as pesquisas o tempo inteiro. E abrir mão desse estágio de docência, que é o da graduação, para mim, não vai ser uma coisa fácil, porque, desde que eu entrei no Programa de Pós-Graduação (PPG) da Sociologia, há 20 anos, praticamente, quando eu terminei meu doutorado, eu dou aula nos três níveis: graduação, mestrado e doutorado. Abrir mão da graduação, cada dia que se passa, eu estou convencida de que (*fala marcando cada palavra*) não vai ser fácil. Porém hoje eu não tenho os 29 anos de quando eu comecei a dar aula na graduação. Eu hoje acabei de fazer 66, a idade da besta! (*risos*). Então, hoje tem aquela história: "Poxa, por que não priorizar a pesquisa?" Já que hoje eu tenho portas abertas dentro do Brasil, fora do Brasil, já que hoje eu tenho interlocuções com grupos de pesquisa dentro do Brasil, fora do Brasil... Tenho as vantagens de já poder me aposentar há mais de dez anos, de ter bolsa de pesquisa do Cnpq. Então, por que não aproveitar agora? Porque aos 66 ainda é possível, mas aos 86 não vai dar mais não.

Roberta — Você acha que a sua experiência como aluna e como você se relacionava com professores como Adísia, Ivonete, influenciaram nessa decisão de também optar pelo magistério e como se posicionar em sala de aula?

Júlia — A minha relação com a Ivonete era de amizade e muito fraterna. Mas eu sempre fui mais próxima da Adísia, que foi minha professora. Influenciar... Não sei, talvez. Claro que eu tive professores que a gente lembra porque a memória passada é boa, mas os professores que em mim deixaram mais marcas foram aqueles que me estimularam a pensar, me ensinaram a pensar, estimularam o que eu chamei ainda há pouco de meu lado curioso, mas também aqueles que sempre mantiveram com os alunos uma relação de respeito absolutamente descontraída, é o caso da Adísia.

Jéssica Maria — Você entrou na UFC como docente em 1977, e alguns ex-alunos seus são professores. Eu quero saber como é dividir (*Júlia divide a disciplina de Epistemologia e Metodologia do Trabalho Científico no mestrado com o professor Silas de Paula, ex-aluno dela*) a sala de aula com alguém que você foi responsável pela formação.

Júlia — Pois é. Mas, sabe, ser responsável pela formação também é meio demais, Maria.

Jéssica Maria — (*interrompendo*) Mas você teve a sua parcela de contribuição.

Júlia — (*interrompendo*) Responsável pela formação, não, mas de estar no lugar de formadora. Ai, sim. Eu tenho o maior orgulho de conviver no curso de Comunicação com

ex-alunos meus que são os mais brilhantes que estão lá. Ronaldo, Márcia (*Vidal*), Beatriz (*Furtado*)... Silas (*de Paula*). Ricardo Jorge. E, mais recentemente, a Kamila (*Fernandes*), a Sílvia (*Belmino*). Eu me orgulho e me sinto rejuvenescida, inclusive. Eu mesma não gostaria de estar hoje num programa de pós-graduação que tivesse, por exemplo, só o pessoal da minha geração. Ia ser um saco (*risos*). Então, é uma convivência renovadora sob todos os pontos de vista. Principalmente, renovadora intelectualmente. Estimuladora...

Jéssica Maria — Apesar de você ser uma pesquisadora reconhecida no seu campo de estudo, não deixou inflar um certo ego acadêmico. Você acha que essa relação afetuosa que você mantém ajuda nos aprendizados dos seus alunos e no seu próprio aprendizado?

Júlia — Não sei. Ai, você tinha de perguntar era *pra* eles. Agora posso dizer o seguinte. Eu me sentirei feliz, realizada... Eu ficarei feliz como professora se eu tiver feito alguma diferença na trajetória de estudos, intelectual, no sentido lato, dos meus alunos. Se eu tiver feito alguma diferença, isso, *pra* mim, significa que realmente o entusiasmo com que eu me empenhei valeu a pena. Agora é como eu estou te dizendo, dependendo de vários aspectos, inclusive, em que momento da minha carreira docente, o caminho desses alunos se encontrou com o meu, varia também, em função (*dissa*), as marcas deixadas, obviamente. Eu acho que prepotência e arrogância combinam pouquíssimo, *pra* não dizer que não combinam de jeito nenhum, com a atividade docente.

Luana — Você falou que, ao longo dos seus 37 anos de universidade, ensinou oito disciplinas diferentes, mas uma desde o começo sempre esteve presente, que foi Metodologia.

Júlia — (*interrompendo*) No começo, a disciplina não tinha nem esse nome: Metodologia das Ciências Sociais Aplicadas à Comunicação. Era só Pesquisa em Comunicação, eu acho. Foi realmente quando eu digo: "Poxa, finalmente eu vou poder construir a (*ênfase*) minha disciplina".

Luana — Eu lembro de você dizer *pra* gente, ainda em sala no começo do semestre, que esse seu amor por essa cadeira era por conta da vontade de formar novos pesquisadores.

Júlia — Isso, isso, isso. Há poetas que dizem: "Não deixe de se apaixonar, senão você envelhece". Eu prefiro dizer: "Não deixe de exercitar a curiosidade, senão você envelhece". A curiosidade é algo absolutamente fascinante, importante (*bate na mesa*) e tem sinalizado as minhas escolhas, de um modo geral. Então, a disciplina de Pesquisa em Comunicação ou Epistemologia das Ciências Sociais Aplicada à Comunicação

O processo de edição foi exaustivo. Além da extensa transcrição do material, foi difícil para as produtoras realizarem cortes no conteúdo.

Ficamos sabendo, durante a pré-entrevista com Júlia, que, além de correspondente de guerra, ela era conhecida como "Miss Comunicação" nos anos de faculdade por estar sempre muito bem arrumada.

Durante a pré-entrevista com Júlia, o gravador de Andressa descarregou e o celular dela ficou com a memória cheia após duas horas de conversa. O telefone de Joyce foi o único que aguentou até o fim.

“Eu me arrependo do que eu não fiz. (...) Eu sempre me pego pensando que eu me acho mais ousada do que na verdade eu sou.”

é a oportunidade que eu tenho de fazer, na docência, aquilo que mais me apaixona, que é formar novos pesquisadores. Formar novos pesquisadores é alimentar de uma forma sistemática, de uma forma programática, a curiosidade dos alunos.

Paulo Jefferson — Você falou agora há pouco que a pesquisa abriu portas dentro e fora do Brasil. Como foram essas suas experiências como pesquisadora fora do País, o que foi que você trouxe, por exemplo, para a graduação e para os seus alunos?

Júlia — A primeira saída foi assim que terminei a faculdade. Passei esses três meses no Equador, uma especialização em Jornalismo Científico e Educativo. As duas especializações foram em Comunicação — em Jornalismo Científico e Educativo, e a outra, aqui, em Pesquisa em Comunicação. Eu fiz o meu mestrado aqui na UFC, nas Ciências Sociais... Tem uma coisa que também é preciso deixar claro: quando eu optei pela vida acadêmica, eu o fiz ao mesmo tempo em que eu optei pelas Ciências Sociais. Nada mais foi feito, nem em termos de pesquisa nem em termos de curso, que não fossem ligados à Sociologia e tendo como principal objeto de interesse religião e política, na medida do possível articuladas. Minha dissertação de mestrado foi sobre discurso católico, e eu considero que é a passagem, porque trabalho com religião e política através do discurso católico e da participação eleitoral dos católicos na Constituinte de 1934, mas a partir

da análise do jornal *O Nordeste* (jornal fundado pela Igreja Católica no Ceará, o qual circulou entre 1922-1967). Poderia ser colocado no hall dos trabalhos de Comunicação e no hall dos trabalhos de Ciências Sociais. Depois fiz o doutorado, metade na Universidade de Brasília (*UnB*), metade na Universidade de Montreal, em Sociologia, trabalhando com religião e política a partir de uma análise do Cristianismo de Libertação como prática da Teologia da Libertação. Depois fiz um pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris, no Centro de Estudos Interdisciplinares dos Fatos Religiosos, trabalhando particularmente próximo ao Michael Löwy, um sociólogo que trabalha com a articulação entre religião e política também. Depois fiz outro pós-doutorado de três meses, agora em 2011, na Bélgica, no Laboratório de Antropologia Prospectiva. De cada experiência dessas, eu sempre trouxe muita coisa em termos de conhecimento, de troca. Cada saída dessas oferece uma possibilidade de um deslocamento do olhar, porque não é só um deslocamento teórico, mas um deslocamento cultural, novas interlocuções, o contato com o que se está fazendo na mesma área, com os mesmos recortes ou com recortes semelhantes.

Em termos mais concretos, os acordos internacionais. Eu participei de um acordo durante oito anos entre o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e a Universidade de Lyon (*na França*), depois coordenei eu mesma um acordo de dois anos só entre três universidades brasileiras e a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Participei, dentro do Brasil, dos grupos de excelência do Cnpq, os Pronex, e durante cinco anos um desses grupos chamava Núcleo de Antropologia da Política, que era coordenado pelo professor Moacir Palmeira, do Museu Nacional, e tinha membros daqui do PPG de Sociologia (os professores César Barreira, Irllys Barreira, eu e a Auxiliadora Lemenhe), da Universidade de Brasília e do próprio Museu Nacional. Essas experiências são riquíssimas (*ênfase*), porque esses acordos envolvem professores, envolvem estudantes de mestrado, estudantes de doutorado. A área de influência do que é



Nesse dia, Júlia mexia inquietamente nos celulares e no gravador. A equipe de produção temia que ela desligasse os aparelhos por acidente.

pesquisado, do que é discutido e do que é produzido é a perder de vista.

Camila — Já que você tem tantas portas abertas ao redor do mundo...

Júlia — (*interrompendo*) Tantas não, algumazinhas. Também, em 37 anos! Mas eu forcei algumas fechaduras que nem presta!

Camila — Por que você escolheu a UFC para construir a sua carreira acadêmica?

Júlia — Pois é, sabe que outro dia a minha filha me perguntou isso e eu nem sabia responder? Não sei se foi proposital, porque eu jamais gostei de Fortaleza — e gosto cada vez menos. Meu ninho sempre foi aqui, mas eu sempre estive de mala na mão, *pra lá e pra cá*. Então, eu poderia (*ter construído carreira em outra universidade*), numa dessas vezes (*em uma das viagens para fora do País*). Quando eu terminei meu doutorado, eu cheguei a pensar em ficar na UnB, inclusive o professor que foi meu orientador no começo — porque nós brigamos e depois eu troquei de orientador — dizia... *Pra* eles eram favas contadas, que eu ficaria e inclusive com o apoio dele. Eu digo: “Não, vou voltar *pra* Fortaleza e depois eu penso”. Voltei para Fortaleza e pela segunda vez o pessoal das Ciências Sociais disse: “Ju, está na hora de passar para cá de vez!”. Eu digo: “O que é passar para aí de vez? Fazer um concurso para entrar do outro lado da rua? (*Júlia sempre se refere ao Departamento de Ciências Sociais como outro lado da rua em comparação ao curso de Comunicação Social, pois os dois localizam-se em lados diferentes da mesma avenida*) Não!” “Tá, tudo bem, mas de qualquer maneira você vem para o Programa de Pós-Graduação”. Então, eu tenho essa situação peculiar aqui também de novo, minha carreira é cheia de umas coisas peculiares. Eu sou a única professora do PPG, inclusive estou aqui desde a fundação do doutorado em 1993, que não é do Departamento de Ciências Sociais. Lembro-me que na época estava conversando com o professor (*Antonio*) Fausto Neto, da Comunicação, ele disse: “Juju, eu não sei porque tu te preocupas com esse tipo de coisa, porque a tua experiência será, não tenho a menor dúvida, mais rica se tu ficares na Comunicação e nas Ciências Sociais”. A Comunicação e as Ciências Sociais acabaram sendo a minha marca registrada. Quando a gente estava pensando onde é que faria esta reunião (*a entrevista para a Revista*), eu digo: “Do lado de lá da rua (*Departamento de Comunicação Social*) não tem auditório, do lado de cá da rua (*Departamento de Ciências Sociais*) tem auditório. Mas será que eu vou ter problema para justificar um evento desse tipo? Nada tem de ver com a Sociologia, nem com o PPG, nem com o Departamento. Pois eu digo: *poxa*, tem de ver comigo! Sou eu! Eu aqui na sala de vídeo do PPG de Sociologia, arrodada de aluno da graduação em Comunicação, sou

eu, tem nada mais eu!” (*risos*)

Andressa — Júlia, você estava falando antes que a nossa turma foi a sua última turma de graduação e esse é um momento difícil na sua carreira, porque você já está se encaminhando para a aposentadoria. A gente queria saber como é que você está lidando com esse processo.

Júlia — Posso chamar minha analista? (*risos*) Eu estou lidando tão “complicadamente” que há quatro anos e meio eu resolvi fazer análise. Depois de execrá-la por questões mil o tempo todo... Eu sei que eu tenho de me aposentar quando eu fizer 70 anos, como diz o matuto: “Não tem querer não!”. Com 70 anos, independentemente da qualidade do produto, o serviço público expete todo mundo mesmo! Sabe quando eu terei 70 anos? Daqui a quatro anos, não tá longe não! Eu tenho de pensar, não é questão de querer não, eu tenho de pensar, mas penso muito desconfortavelmente. Porque pensar a aposentadoria é pensar uma porção de coisas, pensar o envelhecimento. Até pouco tempo atrás, envelhecimento *pra* mim era uma ruga a mais, era saber se eu ia botar botox agora ou daqui a seis meses, se eu ainda ia ter coragem de fazer algum procedimentozinho — adoro esse eufemismo! (*risos*) Mas agora envelhecimento é saber o que é que eu vou fazer com o resto da minha vida. E eu pretendo ainda viver um bocado! Mas a universidade não vai mais me querer, pelo menos oficialmente, depois de junho de 2017. Eu preciso pensar nisso. Ao redor de mim, as pessoas começaram a se aposentar. Os meus colegas mais próximos, os mais amigos, são aqui das Ciências Sociais, que são os da minha faixa etária, os que entraram comigo na universidade. Começaram a se aposentar. Aposenta-se Ismael Pordeus, aposenta-se Elza Braga, aposenta-se Rejane Vasconcelos, aposenta-se Auxiliadora Lemenhe...

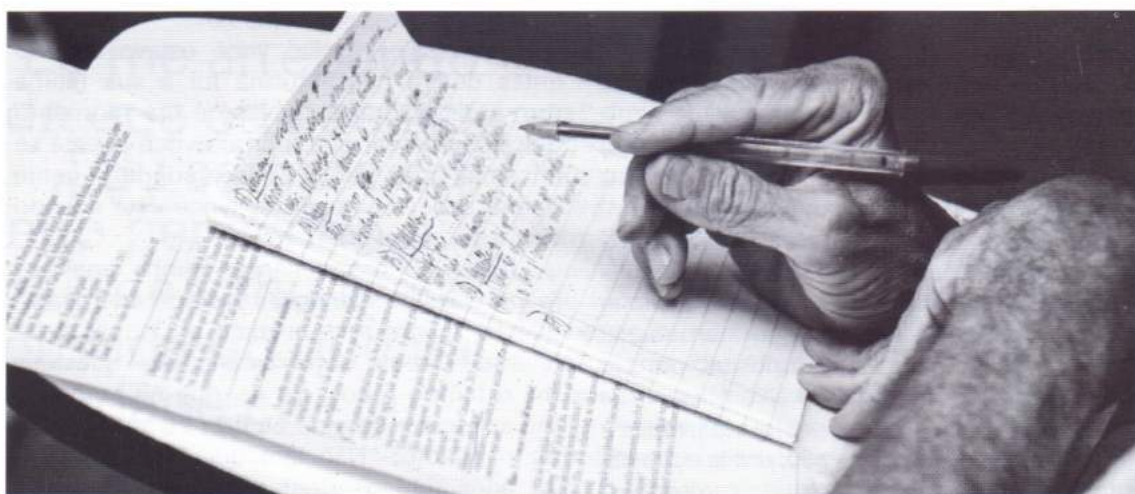
Outro dia, eu estava brincando e dizendo para o César Barreira (*professor do Departamento de Ciências Sociais*): “Dinossauro aqui mesmo, só temos nós

“Nunca vi a universidade como meu emprego, a universidade sou eu! O que eu faço é quem eu sou! Eu não consigo me ver sem fazer pesquisa e sem escrever.”

Durante a entrevista, o mesmo se repetiu. Depois de quase uma hora de entrevista, ela passou a brincar com a tampa da garrafa d'água que estava na mesa e esqueceu os gravadores.

Quando soube da data da entrevista, Júlia logo marcou na agenda o compromisso. E disse que, pela manhã, cancelaria a aula na Sociologia para poupar a voz.

Quando a equipe de produção foi encontrar Júlia para levá-la ao local da entrevista, o cheiro do perfume dela podia ser sentido do começo do corredor. Vaidosa como sempre, ela estava maquiada e bastante arrumada.



agora!" As aposentadorias que me cercam nenhuma delas me atraindo, eu acho todas... *Nonsense*. E eu cheguei a uma conclusão que seria óbvia e eu só cheguei a ela depois de alguns anos de análise. Se eu não sou igual a esses colegas, embora muito queridos, mas a gente tem as nossas diferenças, aliás, significativas diferenças, se eu não sou igual a esses colegas, por que o meu projeto de aposentadoria tem de ser o mesmo deles? Parece óbvio, né? Hoje para mim isso é tão óbvio que eu fico até com vergonha de verbalizar. Mas eu vou construir o (*ênfase*) meu projeto de aposentadoria. Meu projeto de aposentadoria significa (*que*) já que eu tenho de me aposentar, e isso significa me afastar da graduação, o resto vai continuar como está. Vou continuar coordenando meu núcleo de religião, cultura e política, vou continuar ligada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e ao de Comunicação se houver lugar para mim, por conta das minhas pesquisas e temáticas, vou continuar orientando no PPG... A minha pertença ao PPG de Sociologia vai continuar exatamente como é hoje. Aula, orientação, pesquisa e coordenação do núcleo de religião, cultura e política (*bate na mesa a cada termo*). A graduação eu vou ter de abandonar, primeiro porque o meu vínculo com a graduação é através do ICA (*Instituto de Cultura e Arte*), no Departamento de

"Por que eu não construí a minha vida acadêmica em outro lugar? (...) Faltou alguma coisa. Só posso pensar que foi coragem. Oportunidade, convite eu tive."

A entrevista foi realizada no Departamento de Sociologia, na sala onde acontecem as reuniões do Núcleo de Pesquisa em Política e Religião, coordenado por Júlia Miranda.

Comunicação, e aposentadoria significa (*estar*) fora da graduação. Mas eu já estou lidando com os novos dados, por exemplo, eu não quero ficar sem bolsista de Iniciação Científica. Por tudo aquilo que eu já disse, eu perder a oportunidade de ter um bolsista de Iniciação Científica... Eu sempre peguei meus bolsistas de Iniciação Científica na Comunicação, porque eu achei que não era pelo fato de eu ser professora do PPG de Sociologia e pelo fato de a minha carreira de pesquisadora ter sido construída do lado de cá da rua (*bate na mesa*), que eu ia penalizar o curso de Comunicação. Logo quando as bolsas de PIBIC chegavam lá, só tinham as minhas. Agora não, outros colegas já têm, já tem mestrado e tudo, mas antigamente só havia as minhas bolsas. Então, estou construindo meu projeto de aposentadoria. Não é fácil do ponto de vista de trabalho, porque a universidade *pra* mim nunca foi... Eu nunca vi a universidade como meu emprego, a universidade sou eu! O que eu faço é quem eu sou! Eu não consigo me ver sem fazer pesquisa e sem escrever.

Camila — Você está falando sobre a sua relação com a universidade. Dentro do curso de Comunicação, como você avalia o lugar da pesquisa, já que ele começou sem essa característica?

Júlia — Acho que o resultado está aí na criação do mestrado. Acho que a pesquisa chegou, chegou e se consolidou lá na Comunicação. Os colegas do colegiado da Pós já têm reunião marcada para discutir a proposta de doutorado! O que significa que realmente a pesquisa hoje (*bate na mesa*) é uma atividade consolidada na Comunicação.

Raissa — Mas você percebe a sua influência nesse processo?

Júlia — Eu, euzinha não. Não vou gozar com os instrumentos alheios. Acho que uma cultura, bem *lato sensu*, de interesse pela pesquisa, isso eu posso admitir que tem um pouco de mim. Mas o mestrado é uma concretização, um aspecto concreto dessa cultura. Mas os grandes responsáveis pela

criação do mestrado de Comunicação são professores como Márcia Vidal, Silas de Paula... Eu realmente não participei ativamente dessa grande obra, não.

Joyce — Júlia, vamos focar agora em outras questões. Você não tem religião, mas mencionou na pré-entrevista que já olhou o catolicismo por dentro. Eu gostaria de saber como é que se deu a descoberta de que a religião não correspondia a uma busca espiritual sua.

Júlia — Quando eu disse que minha relação com o catolicismo é de dentro, Joyce, foi no sentido de quem estudou cinco anos em um colégio de freira nunca pode dizer que olhou o catolicismo de fora. Olhei de dentro (*ênfase*), participei até de alguns movimentos religiosos católicos daquela época, mas larguei logo. Eu sempre gostei muito de experimentar. (*Eu sou*) Absolutamente atraída pelo novo, pelo diferente e pelas experiências! Em termos de catolicismo eu acho que experimentei tudo enquanto eu estava no Colégio da Imaculada (*por*) cinco anos. Fiz as nove primeiras sextas-feiras de comunhão, estou salva para sempre! Porque se dizia, não sei se ainda se diz, que quem comunga nove sextas-feiras seguidas está salvo para sempre. Então: não preciso de religião como prática.

No entanto, a própria estranheza que eu vejo no teu olhar (*falando para Joyce*), “Tadinha, está doida!” (*risos da turma*), me faz pensar sempre mais o quanto as crenças religiosas, as convicções religiosas e políticas, *pra* mim são as mais fortes, as mais apaixonantes, as mais desenfreadas, as menos contornáveis, as menos represáveis. Nesse sentido, o meu fascínio pelas convicções, crenças e práticas religiosas e políticas vêm exatamente da força que elas têm como formadoras de indivíduos e de sociedades. Essa história de ver o catolicismo de dentro, eu usei a expressão porque os dois anos que eu passei no Canadá, na Universidade de Montreal, eu tinha um orientador que era sociólogo, teólogo e padre (*bate na mesa a cada atribuição*). A gente conversava sobre a minha tese e eu dizia: “Eu tenho muito medo de fazer uma tese teológica”. Ele dizia: “Júlia, você nunca vai fazer uma tese teológica, a sua descrença não vai permitir!”. Eu digo: “Pois é, ainda bem”. E ele: “Por que você diz ainda bem? Você já me disse que não casou no religioso, seus filhos não são batizados, que na sua família nuclear não tem nenhuma prática, nenhuma relação com o catolicismo, e, no entanto, você é quem é por causa da sua formação, que tem como chão exatamente a tradição cristã”. Foi aí que a gente começou a discutir a tradição cristã. Mas para eu conhecer, bem ou mal, a tradição cristã eu não preciso ser católica, não preciso ser praticante, não preciso ser nada disso. Mas a verdade é que (*se*) não fora o fato de

“Eu disse para vocês que vocês seriam a minha última turma da graduação, e, de vez em quando, quando eu penso nisso, me dá uma tristeza profunda.”

eu ter passado cinco anos no colégio de freira, talvez eu não tivesse esse conhecimento do cristianismo como matriz geradora de civilização, de sociedades e de culturas. Uma vez ele (*o orientador de doutorado*) disse: “Você está negando aos seus filhos aquilo que faz a riqueza da sua formação”. Foi quando eu disse: “Sim, mas eu não neguei aos meus filhos conhecimento e leitura. O que eu neguei aos meus filhos foi um batismo à revelia deles, foi uma filiação religiosa imposta. No dia que eles quiserem se tornar católicos, se for o caso, eu quero que seja uma opção deles”. Se algum quiser ser padre, eu vou morrer do coração, mas não vou dizer nada! (*risos da turma*)

Joyce — Mas você nunca sentiu uma ligação íntima com o catolicismo e houve um momento em que isso se desfez?

Júlia — Tu estás pensando se eu já pensei em ser freira? (*risos da turma*) Não.

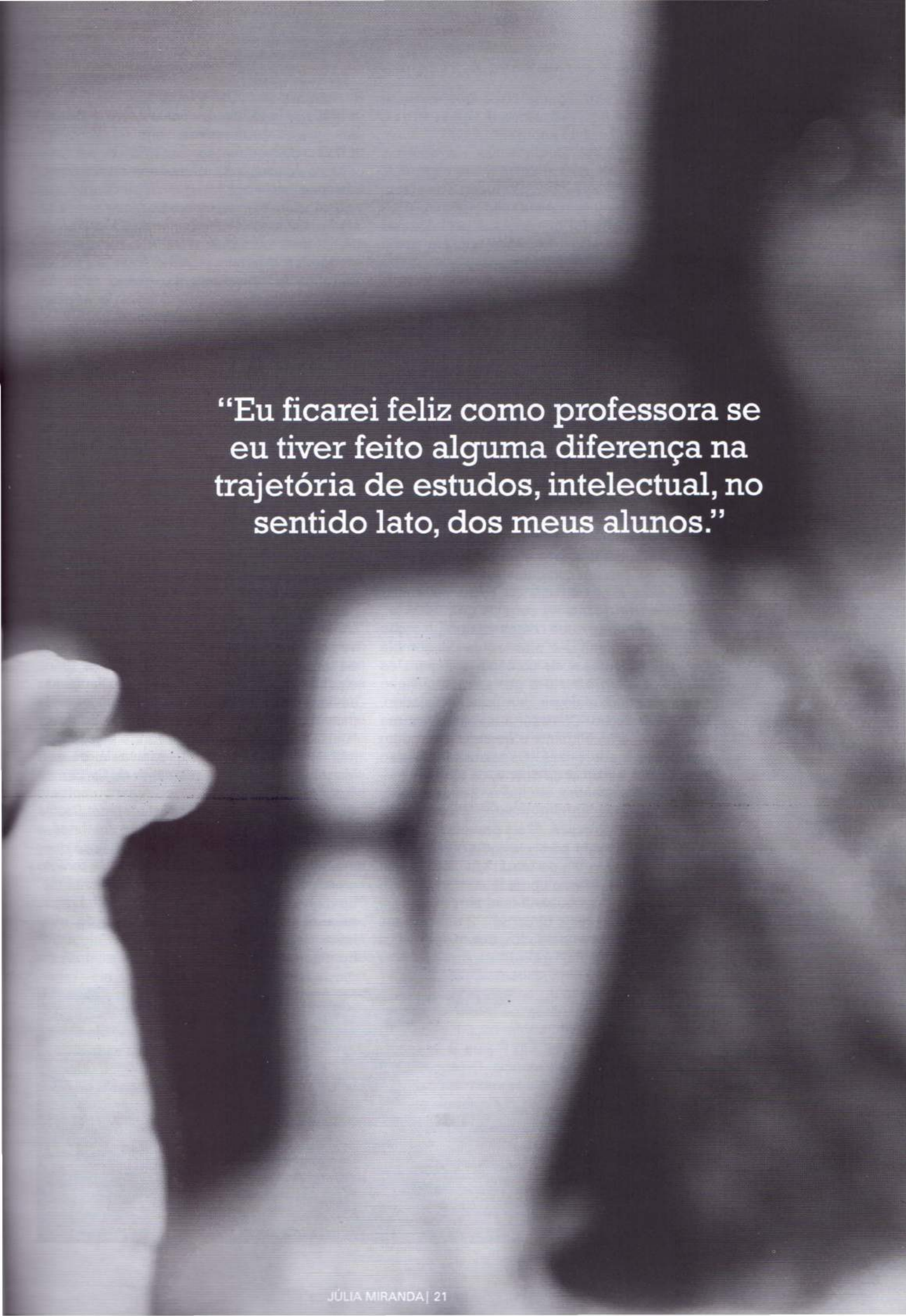
Roberta — Mas você se desiluiu de alguma forma com a religião como uma busca espiritual?

Júlia — Não, nunca me desiludi porque eu nunca me iludi. Eu acho que, quando eu disse que meu contato com o catolicismo tinha sido de dentro, eu quis dizer que mais orgânico só se eu tivesse sido freira ou noviça, pelo menos. Eu vi de dentro, não me convenceu. É outra coisa que é difícil responder objetivamente, de racionalizar. Grosso modo, eu diria assim: vi de dentro, o que eu vi não me tocou, não respondeu a nenhuma busca minha. Quando eu me afastei para olhar de fora, apareceu de uma forma absolutamente fascinante, mas como estrutura do humano, como dimensão de práticas sociais, nunca como uma resposta que eu poderia dizer que era uma resposta espiritual. Não. Tanto que a religião católica, para mim, é exatamente situável no mesmo patamar que outras tradições religiosas, cristãs ou não. Outra tradição religiosa, das grandes tradições monoteístas, que me atrai enormemente é o islamismo. E por que não é o judaísmo, por que é o islamismo? As minhas leituras passadas e a atração que sempre exerceu sobre mim a chamada cultura árabe,

Na sala, somente Gustavo, o fotógrafo, não havia sido aluno de Júlia. Até o professor orientador da disciplina, Ronaldo Salgado, já a tivera como professora.

Antes de começar a entrevista, Júlia mostra as mãos trêmulas de nervosismo: “Meu palco é a sala de aula, os outros não me interessam”. Para a surpresa de todos, ela também afirmou que era muito tímida..





“Eu ficarei feliz como professora se eu tiver feito alguma diferença na trajetória de estudos, intelectual, no sentido lato, dos meus alunos.”

Durante a entrevista, Júlia fugia da câmera do fotógrafo. Na vez que olhou diretamente para ele, esqueceu o que estava falando. Ela disse: "Se você chegar perto de mim, eu não sei dizer nem meu nome!"

certamente, têm alguma coisa que ver com meu fascínio pelo islamismo. Religiões afro eu acho de um fascínio enorme!

Bárbara — Durante as entrevistas do processo de produção, as meninas entrevistaram o seu filho, Bernardo. E ele falou que acredita que, na sua vida pessoal, você de certa forma foi influenciada por algumas tradições religiosas. Inclusive, ele até pediu que nós perguntássemos se alguma quarta-feira do último ano você deixou de acender a vela para lansã (*orixá do candomblé*).

Júlia — Ah, tem a vela da lansã, é! (*fala mais alto e depois ri*) Preciso dizer, e eu acho que talvez seja outra coisa do Colégio da Imaculada, que eu sou fascinada por fogo e por vela! Eu me lembro, eu devia ter uns 11 anos, uma das freiras lá do Imaculada pediu para a gente fazer uma redação sobre um evento fascinante, uma redação ficcional. E eu descrevi um incêndio, a freira olhou pra mim como se eu fosse a própria filha do diabo! (*risos*) Eu me lembro que eu descrevia as chamas que subiam, a luz... Tenho um fascínio danado por fogo e por vela. Adoro vela acesa em tudo quanto é canto, nada a ver com devoção em particular. Adoro uma mesa com vela. E na convivência — eu vou matar o Bernardo! (*risos*) — com os grupos afro... Tinha o Ismael e outra colega da Comunicação que era próxima das práticas de candomblé e de umbanda, e eu comecei a ir para os terreiros (*com eles*) e a gostar muito. Muito a ver comigo: a alegria, a música, o colorido, a descontração. Comecei a ir e passei a me interessar e loucamente a querer saber quem eram os meus orixás. Os meus orixás são lansã, que é a orixá da guerra, da tempestade, a orixá dos ventos, e Ogum. Eu digo: "Pô, tem tudo a ver comigo mesmo". Uma vez, o Ismael dizendo assim: "Pois por que você não acende uma vela para ela toda quarta-feira? Quarta-feira é o dia de lansã!" Eu digo: "Pois juntou a fome com a vontade de comer!". Se eu estiver em casa quarta-feira tem vela acesa e eu digo: "É a vela de lansã". E os meninos (*os filhos*) curtem adoidados, dizem assim: "Lá está a vela da ateia!" (*risos*)

Bárbara — Quando você era nossa professora você contava muito de experiências em igrejas protestantes, em reuniões de grupos da renovação carismática católica, terreiro de umbanda, onde você estava como observadora. Você fala que se preocupou em saber quem eram seus orixás. Você nunca se sentiu, nesses momentos, nesses lugares, de certa forma envolvida, afetada?

Jéssica Maria — Acho que a minha pergunta complementa. Eu queria saber se nessa sua passagem por dentro da religião, você já viveu alguma experiência mística.

Júlia — Hum-hum (*faz sinal de negativo com a cabeça e repete o murmuro*). Na vida política sim, mas na vida religiosa não. (*risos*) A umbanda e o candomblé me fascinaram, acabei de contar dos meus orixás, e eu brinco muito que, quando eu quero desejar alguma coisa, eu digo: "Êpa hey-oiá!" (*Júlia gesticula com as mãos para sinalizar*) É a invocação do orixá. Mas... o que é que você tinha perguntado, Bárbara?

Bárbara — Se você nunca se sentiu envolvida?

Júlia — Não, mas me envolveram. Em culto da lurd, a Igreja Universal do Reino de Deus, um pastor exorcizou minha pomba gira. Pegou minha cabeça, impôs as mãos (*Júlia imita o gesto, colocando cada uma de suas mãos em um lado da cabeça*), que eu tomei um susto quando vi as duas mãos aqui! Fiquei de olho fechado, me balançando devagarzinho, que era pra dar tempo de ele mandar a moça embora... Vontade de dizer: "Deixa ela aqui, deixa ela aqui!" (*risos*) Mas mandou: "Sai, sai!". Eu estava lá com o Magela (*Magela Lima, secretário de Cultura de Fortaleza em 2013*), o Magela era meu bolsista de PIBIC (*Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica*). A gente foi fazer a pesquisa e o Magelinho disse: "Ju, você quer mesmo ir pra esse culto? Ali naquele templo grande logo no dia do desencapetamento!" Eu digo: "Magela, a gente tem de ir!". Fomos para o culto, Magela sentou aqui do meu lado, disse: "Eu não gosto desse negócio! Eu estou começando a ficar com medo!". Eu

Em outro momento, novamente nervosa com a presença da câmera, Júlia disse que "deveria ter trazido uma garrafa de pinga".



digo: "Não vá ficar com medo não! É só você fazer o que todo mundo está fazendo ao seu redor, para ninguém achar que você está aqui bisbilhotando". Quando começou o culto, os exorcismos começaram lá no palco, começou a haver transe ao meu redor, o Magela ficou da cor dessa mesa (*aponta para a mesa branca à frente dela*) e disse: "Jujuzinha, Jujuzinha, eu não fico aqui mais nem um minuto!". Foi lá para a porta e eu fiquei ali no meu canto, de olho fechado, quando eu senti foram as mãos do pastor exorcizando a minha pomba gira. Mandou minha pomba gira embora, ódio daquele homem! (*risos*) O Ismael depois disse que era *pra* eu comprar uma garrafa de cidra, uma vela e parasse na primeira encruzilhada que ela (*a pomba gira*) voltava! (*risos*) Preciso fazer.

Há pouco tempo eu fui com uma orientanda minha do mestrado entrevistar uma pastora, a pastora me fez passar uma hora e meia lendo a Bíblia, porque a cada pergunta que eu fazia na nossa conversa ela dizia: "Abra aí, minha filha, pegue o versículo tal, capítulo não sei das quantas!". Lá ia eu (*imita a ação de buscar algo em um livro*). Para no final ela dizer: "Eu não sei por que você não aceita Jesus, só falta agora você aceitar Jesus". Eu digo: "Eu não vou aceitar, Jesus, pastora". "Mas por que, minha filha, você tem alguma coisa contra?" Eu digo: "Não tenho", "Então! Se não tem nada contra...", "Então eu tenho. Eu tenho contra uma atitude dessas sem nenhuma convicção, *pra* mim não faz o menor sentido". A velha senhora pastora insistiu tanto, insistiu tanto, que ela só me deixou sair de lá, quase duas horas depois, quando ela disse: "Pois então diga, diga! Aceito!" E eu doida para me ver livre disse: "Aceito!" (*risos*) Ela se levantou, impôs as mãos, orou, me enviou sabe deus *pra* onde! Ela disse: "Pronto, agora eu fico feliz, a igreja está aberta para você no dia que você quiser!". A minha orientanda me disse do lado de fora: "Ju, você é muito cara de pau!" Eu digo: "Como eu sou cara de pau?" "Foi só para a pastora ficar satisfeita!" Eu digo: "Claro! Ela perdeu duas horas e meia comigo! Uma satisfaçãozinha que eu podia dar, por que não?" Ela (*orientanda*) disse: "E você aceitou Jesus?" Eu disse: "Não aceitei, não! Ela me empurrou de goela abaixo!" (*risos*)

Analú — Desses vários *causos* que você conta das suas experiências, em que você passou por várias religiões, de que forma você vê que elas influenciam no seu modo de ver a vida, no seu modo de acreditar na vida?

Júlia — (*pausa*) Vocês fizeram foi bem o dever de casa. Eu acho que a diversidade religiosa implica diversidade de convicções, diversidade de práticas, de pertenças. Isso sempre ajuda você ter respeito pelas diferenças.

Analú — Mas você acha que essas

experiências dão mais clareza de enxergar diversos aspectos, de acreditar mais na vida ou você acha que...

Júlia — (*interrompendo*) Eu acredito, firmemente, absolutamente, convictamente, no ser humano. Se alguém quiser me empurrar Jesus de novo de goela abaixo vai dizer: "Mas o ser humano é uma criatura de deus." Eu até deixo. Dou um desconto, mas eu acredito no homem, no ser humano. Nesse eu acredito. Eu acho que o potencial e aquilo de que é capaz o homem, isso sim me fascina, isso sim me atrai. É fé na vida muito mais do que fé em deus. Ou você pode dizer: "Ter fé na vida é ter fé em deus." Que seja. Mas, quando eu digo fé no homem, é naquilo que ele é capaz de fazer. Se o homem foi capaz de criar deus, é capaz de tudo. Tem coisa mais fascinante, mais exemplar do homem se não o fato de ele ter criado deus? Deus é uma criação do homem.

Camila — Júlia, eu vou mudar um pouco de assunto. Na pré-entrevista e também nas conversas que as meninas tiveram com seus amigos e seus filhos, a gente percebeu que você tem muito esse gosto pela liberdade. Eu queria perguntar o que é essa liberdade para você.

Júlia — Ah, minha paixão pela liberdade é outra das minhas marcas registradas. Eu digo: "Antigamente, o envelhecimento já foram as rugas, os procedimentos estéticos". O envelhecimento hoje é particularmente a construção do meu projeto de aposentadoria, mas o envelhecimento também é... É a parte que mais me apavora. O medo do envelhecimento *pra* mim é o medo das limitações. Na medida em que o tempo vai passando, que a gente vai ficando mais velha, com toda certeza que a gente não vai ficando mais ágil, mais sagaz, com facilidades maiores que você tem numa determinada altura da vida. Então eu sei que por mais que isso me preocupe, por mais que isso me apavore no envelhecimento, (*ele também traz*) as limitações, inclusive, a da liberdade. Liberdade de movimentos, mas a liberdade como pessoa também, *né*? Eu sei que esse dia vai chegar, que chega a cada dia. A cada dia vivido é um passo em direção às chamadas limitações da idade. O envelhecimento me apavora. Em primeiro lugar, o envelhecimento dos neurônios. Eu tenho a ilusão ainda de que eles estejam ótimos. E eu sei que não vão ficar ótimos a vida toda. O envelhecimento intelectual, as limitações motoras e a dependência. *Pra* mim, limite significa a dependência e a necessidade de assistência. Eu não sei... Eu vi o meu irmão com 42 anos, diante de um câncer que surgiu do nada, um melanoma que, quando se revelou, já foi em fase terminal, passar um ano morrendo. Eu vi minha mãe passar quatro anos e meio morrendo depois porque o meu irmão morreu, e ela disse que

Passado o período inicial da entrevista, em que os alunos ainda oscilavam em perguntar, chegou um momento em que oito pessoas pediam para falar ao mesmo tempo.

Durante as respostas, Júlia dirigiu-se, algumas vezes, ao professor Ronaldo Salgado, que respondia baixinho para não interferir no processo da entrevista.

Um dos receios da equipe de produção era não conseguir controlar o tempo das respostas, pois Júlia Miranda fala bastante. Ela, inclusive, advertia a turma sobre isso durante as aulas no semestre anterior ao da entrevista.

não queria mais viver. Esses dois processos me marcaram tão profundamente que eu... Enfim, quando eu quero me convencer de que não precisa, necessariamente, ser assim, eu digo: "Bom, se você *tá* construindo um projeto de aposentadoria que é a sua cara, tem de pensar que existe a possibilidade de um envelhecimento, de um final no processo de envelhecimento que não seja exatamente esse."

Enfim, ser livre, *pra* mim, é tão importante que eu só aguentei ficar casada durante 12 anos e 10 meses. Ser livre, *pra* mim, me faz dizer, para o horror de alguns amigos, que morro de saudades das minhas duas filhas, que mora uma no Canadá e uma na Escócia, meu único neto, que mora no Canadá, morro de saudade, mas, há um lado que eu não me queixo de ser absolutamente livre e independente. Não devo satisfação a ninguém. Faço meus horários, minha programação. Sei que tenho

E ela se transforma, *né*? O que é a liberdade para um jovem de 24 anos não é a mesma coisa *pra* um adulto de 35 nem para uma pós-adolescente de 66 (*risos*), *né*? Eu não sei em que sentido você *tá* falando. O que você *tá* chamando de excesso de liberdade? Parece libertinagem... (*risos*)

Roberta — Nessa independência, nessa questão de estar sempre se desafiando, você acha que, de alguma forma, alguma vez, você foi além do permitido?

Júlia — (*interrompendo*) Não. Eu me arrependo do que eu não fiz. De coisas que eu não fiz. Não tem nenhuma coisa que eu tenha feito da qual eu me arrependa. E eu já me peguei pensando assim: "Sou eu que acho que sou ousada assim. Na verdade, sou ousada coisa nenhuma." Porque eu poderia ter sido mais ousada em relação a isso, em relação aquilo. Realmente, isso eu não tenho nenhuma dúvida, porque eu sempre me pego

"Há poetas que dizem: "Não deixe de se apaixonar, senão você envelhece". Eu prefiro dizer: "Não deixe de exercitar a curiosidade, senão você envelhece"."

uma posição privilegiada em relação as minhas condições de trabalho comparadas às de colegas da minha geração ou da geração mais nova que ainda estão fazendo e criando filhos. Essa minha condição de independência e de liberdade é enormemente mais atraente do que a solidão. Eu moro sozinha, eu vivo sozinha. E eu consigo ver muito mais o lado positivo disso que o lado negativo. Ultimamente, eu tenho feito uma coisa às sextas-feiras, que é o dia do meu uísque de noite. Eu digo: "Vou começar a fazer aqui em casa o que eu *tô* chamando de *happy hour worktilíca* (*risos*)." Eu junto, pelo menos, mais três pessoas, nada de muita gente. *Pra* conversar de pesquisa, de trabalho... Eu preciso de interlocução estimulante. Chamar dois orientandos meus *pra* ir lá *pra* casa conversar de pesquisa e beber cerveja, uísque é uma coisa absolutamente estimulante. Chamar dois colegas, geralmente, todos mais jovens do que eu. Como eu disse *pra* vocês, a minha geração de professores está toda aposentada. Então lá na Comunicação (*Departamento*), da minha geração, só o Silas, *né*?

Roberta — Eu queria saber se tem algo que você vivenciou, Júlia, que foi liberdade demais.

Júlia — Doida *pra* saber de alguma pulada de cerca, *né*? (*risos*) Mas não sei, em que sentido? Porque a liberdade é uma noção, se a gente for falar academicamente, e é um sentimento, se a gente fala subjetivamente.

pensando que eu me acho mais ousada do que na verdade eu sou.

Roberta — Você disse, quando a gente estava falando de liberdade, que se arrepende de não ter investido em outras coisas. E o que seriam essas outras coisas?

Júlia — Enfim, são coisinhas, coisinhas, coisinhas... Eu não saberia pensar... Quando eu digo que eu me pego pensando que eu me acho mais ousada do que eu na verdade sou, por exemplo, a minha geração é uma geração de passagem, de maneiras de investir, maneiras de agir, formas de lidar com a própria sexualidade. A minha geração foi uma geração que experimentou muito. Experimentou em termos de viagens, experimentou de cogumelos a LSD (*dietilamida ácido lisérgico*). O meu núcleo pequeno-burguês diante da universidade, por exemplo, tinha pessoas que experimentaram, que usaram LSD, que usaram coca. Eu sempre passei à margem. Medo, medo. Não era questão moralista, era questão mais de... (*pausa*) Medo de me comprometer fisicamente. Fumei maconha e vim fumar maconha bem depois disso. Por isso que eu digo: "Poxa, alguma coisa me levou a não ousar naquela época, vim ousar mais tarde." Já não era mais ousadia. A primeira vez que eu fumei maconha, não senti absolutamente nada. Da segunda vez, eu senti bastante. Quando eu perdi a noção de tempo e de espaço, eu digo: "Não é a minha droga." Porque a questão da independência e

A entrevista durou 2h30min, extrapolando em meia hora o tempo previsto. E em 20 páginas no tamanho da transcrição.

da liberdade, *pra* mim, passa pelo absoluto — e, aí, é o absoluto com toda a força da palavra — absoluto controle de mim e de tudo que diz respeito as minhas atitudes, aos meus atos e aos meus sentimentos. A primeira vez que eu fumei maconha de verdade, a perda do controle sobre reações, sobre os sentimentos, me deixou perdida, perdida, perdida de um modo que não vou repetir uma experiência que não foi boa. Depois, já mais *pra* frente, repeti, (*mas*) nunca me senti... Nunca tive vontade de voltar. Em relação à sexualidade, no que diz respeito ao meu grupo, às amigas da minha geração, quem iniciou a vida sexual mais tarde fui eu. Cadê a ousadia da moça? Vocês me perguntaram, se eu não gosto de Fortaleza, por que eu não construí a minha vida acadêmica em outro lugar? Falta de ousadia de novo. Faltou alguma coisa. Só posso pensar que foi coragem. Oportunidade, convite eu tive.

William — Júlia, agora vamos falar de outra das suas paixões, a política. Você foi militante da política de esquerda. Mesmo filha de burgueses considerados de direita, você enveredou pelo movimento estudantil ainda na universidade e, depois, foi militante do PC do B (*Partido Comunista do Brasil*) na época do regime militar. O que a levou a isso e como é que era, no partido, ser vista como a burguesa que ia de salto, sempre arrumada lá *pra* dentro?

Júlia — O momento em que eu entrei (*na universidade*) era o mais propício para esse despertar (*político*). Eu entrei em 1968, o ano do AI-5 (*Ato Institucional nº 5*). Eu fui sendo atraída *pra* política, mas como estudante eu nunca militei, embora tenha alguns momentos... O curso funcionava à noite, em alguns momentos ajudei os nossos líderes estudantis, na época, a se esconderem. Mas nunca militei no PC do B nessa época. Eu vim entrar no PC do B como militante já como professora da UFC. Como professora da UFC, eu já não andava como na época da universidade de calça jeans e tamanco de segunda a sexta — que a minha mãe ficava indignada: “Essa menina agora só se veste assim!” Militando no PC do B, eu me lembro de uma vez, uma pessoa dizer assim: “Ah, Juju, eu queria até te dizer que eu gosto das tuas roupas. Quando tiver roupa que tu não use mais, pode me dar”. Era uma forma de ser irônica, de chamar atenção para esse fato. Até o dia em que eu já estava meio aborrecida e disse que as minhas ideias não estavam no meu batom nem no tamanho do meu salto. E, realmente, (*não tem*) nada a ver. Acabei me aborrecendo. Passei muito pouco tempo como militante de carteirinha do PC do B, porque coisas desse tipo me irritavam. A minha arroganciazinha, eu confesso, não admitia que alguém viesse me dar aula, me dizer como eu deveria ler

Marx e Lenin, quando eu lia Marx e Lenin por prazer porque estava fazendo Ciências Sociais, porque a minha dissertação de mestrado é puramente marxista, gramsciana, no caso. Porque alguém era dirigente de uma célula vir ensinar professores, sociólogos, antropólogos, no sentido político, como é que se devia ler e entender determinados clássicos do marxismo, isso me irritava. Como se eu dissesse assim: “Quem és tu *pra* querer me ensinar?” A posição de vários membros em relação à homossexualidade me deixava irritada também. Foram juntando coisinhas. Eu digo sempre assim: “As coisas sempre têm o seu momento.” Eu entrei *pra* militar no PC do B, e não era mais o momento, já tinha passado. Não obstante, fiz grandes amigos pelos quais eu tenho a maior admiração. Amigos que são militantes históricos. Personagens que são absolutamente admiráveis pela trajetória, pelo que viveram na defesa dos seus ideais, que ainda hoje são do PC do B e fiz como amigos e são queridíssimos até hoje.

William — Você falou de muitos desencantamentos, mas o que foi que a atraiu para aquelas ideias?

Júlia — A militância política, mas eu não gosto de rédeas. E, ao mesmo tempo, eu me dei conta de que a militância política, sobretudo, na época, tem de ter rédeas. Militar dentro de um partido ideologicamente constituído é ter rédeas. Hoje não (*rindo*). Hoje você vai para o DEM (*Partido Democratas*), vai *pra* qualquer lugar e não vem ao caso, mas um partido estruturado ideologicamente implica hierarquia, e o PC do B sempre foi democracia centralizada. Disso tudo eu sabia, só que eu não consegui me adaptar.

William — Na pré-entrevista, você fala, inclusive, que lutava muito mais pela liberdade do que pela igualdade, *né*? Preocupava-se muito mais com isso...

Júlia — (*interrompendo*) Pois é. Eu disse meio brincando, fazendo esse jogo. Na verdade são indissociáveis. Mas eu digo, talvez eu estivesse preocupada demais com a liberdade e de menos com a igualdade. Nunca tive de menos com a igualdade, porque eu concordo plenamente com Norberto Bobbio (*filósofo político*) quando ele diz (*que*) se alguma dúvida ainda se tem a respeito da pertinência de diferenciar a noção de esquerda e de direita, é só pensar (*que*) quem tem a igualdade como valor primeiro, como valor insubstituível, é a esquerda e isso não mudou até hoje. Muito pelo contrário, a grande questão é como conjugar igualdade e liberdade.

Luana — Júlia, qual foi o momento em que você disse: “Chega, política agora só como objeto de estudo”? Foi nesse momento de saída?

Júlia — Não. Foi de pouquinho em pouquinho. Eu nunca militei em nenhum

Preocupada com o andamento da entrevista, Joyce olhava nervosamente para o professor, mas Ronaldo fingia não ver, concentrado nas anotações que fazia.

As reações das produtoras eram muito diferentes durante a entrevista. Enquanto Andressa parecia apaixonada, Joyce mantinha expressões tensas, preocupada com o tempo e a organização da entrevista.

Apesar de nervosa, Júlia parecia comovida com o momento. Ao final da entrevista, Júlia pediu um lençol para se cobrir, pois nós a tínhamos desnudado completamente.



partido que não fosse o B (*PC do B*) e, no B, só esse tempinho curto. Eu acho que hoje eu estou numa indiferença da qual eu não me orgulho. Não tenho nenhuma militância nem *stricto* nem *lato sensu*. Não digo isso com nenhum orgulho, pelo contrário. Às vezes, eu digo: "Poxa, vida! É melancólico que a política tenha se transformado, sobretudo, num campo de estudo, num objeto de pesquisa".

Raíssa — Você diz que não gosta de Fortaleza...

Júlia — (*interrompendo*) Não, quanto a isso, eu não tenho a menor dúvida.

Raíssa — Mas a sua primeira infância foi na Praia de Iracema...

Júlia — (*interrompendo*) Linda infância. É o melhor momento de Fortaleza *pra* mim.

Raíssa — Como é que uma pessoa tem da primeira infância lembranças tão boas da Praia de Iracema, quer que as suas cinzas sejam jogadas da Ponte Metálica, não tem amor por Fortaleza?

Júlia — Eu preciso gostar da cidade *pra* ter lembranças maravilhosas da minha primeira infância? Se eu pensar que, entre os vários elementos que fazem da minha primeira infância, até os dez anos, um período particularmente bom da minha vida, não está o fato de a cidade ser fantástica, não. Porque se ela é péssima hoje, imagina como não era há 50 anos. A Praia de Iracema naquela época não era o negócio de hoje, minha gente. Absolutamente nada a ver. Só o lugarzinho que era o mesmo. E a espacialidade aí, no caso, de a Praia de Iracema ficar em Fortaleza era um detalhe, importante, mas era um detalhe. A vida que eu tinha com os meus pais, com os meus dois irmãos, a minha avó, que morava conosco; o fato de eu morar numa casa com muitos espaços, com muito jardim, com um quintal que terminava exatamente na areia da praia, bem do lado da Ponte Metálica. A babá minha e da minha irmã não levava a gente

pra passear na pracinha, levava *pra* passear na praia. Todo santo dia a gente ia *pra* praia, abria o portãozinho do quintal de casa e estava na areia da praia. Então é todo esse contexto, o lugar, as relações, o tipo de cotidiano que fazem dessa primeira infância algo absolutamente inesquecível e me dá vontade de ter as minhas cinzas... Eu não abro mão das minhas cinzas lançadas de cima da Ponte dos Ingleses. Espero que daqui *pra* lá tenham tapado os buracos, afastado os assaltantes, que, como diz uma amiga minha: "Não vai ninguém pro teu enterro, todo mundo com medo de cair dentro d'água, de ser assaltado".

Analu — Do que é que você sente mais falta daquela época? Seria dessa história do contato com a Praia de Iracema, dos passeios com a sua babá ou o contato com pai e mãe?

Júlia — Eu acho que era tudo. Era uma vida tranquila. É engraçado que, na primeira metade da minha vida, eu sou voltada para o mar, para a praia, e, depois, a partir de um determinado momento, eu me afasto. Eu moro numa cidade praiana. A única coisa que tem nessa cidade de atrativa é a praia, e eu não vou à praia praticamente nunca. Então era a proximidade do mar, era... Eu acho que ser criança, naquela época, tinha atrativos que ser criança hoje não tem. Imagino que a minha geração toda, que foi criança naquela época, que tinha o mesmo tipo de família em termos de composição, de escolaridade, de poder aquisitivo, de lazer, todo mundo deve ter vivido experiência parecida com a minha. Ela não teve absolutamente nada de extraordinário. Nada que eu possa dizer: "Gente, esses 10 primeiros anos foram fantásticos por isso." Não, (*foram*) absolutamente banais.

Joyce — Júlia, muitos dos hábitos que você tem hoje foram adquiridos ainda na infância, e você define a educação que teve na sua casa como pequeno-burguesa. Eu queria que você explicasse por quê.

Júlia — O meu pai era filho de senhor de engenho na Paraíba. Nasceu no final do século XIX, quando o engenho já estava meio em decadência, mas era o único filho homem de uma família que tinha mais oito mulheres. Então, o filho homem mais velho foi mandado para o Rio de Janeiro *pra* fazer faculdade na Escola Politécnica, na época só existia a Escola Politécnica, não tinha negócio de engenharia. Casou com 52 anos — imagine, já cheio de manias — com minha mãe com 26. Era diretor do DNOCS (*Departamento Nacional de Obras Contra as Secas*), na época em que o DNOCS pegava toda a área do Nordeste. Éramos duas filhas e o caçula. As filhas foram que sofreram influência mais de perto. Ele morreu (*quando*) eu tinha 15 anos. Eu era a única que peitava, que enfrentava as coisas dele. Tem coisas que chegam a ser bizarrices em relação aos padrões de hoje. A forma de se comportar à

Mesmo depois da entrevista, Júlia afirmava que não entendia o motivo de ter sido escolhida, pois sua vida era muito comum.

mesa, de se sentar, em primeiro lugar. Tinha de sentar ereto, só podia encostar na mesa até o punho. Se fizesse assim (*colocando os cotovelos sobre a mesa*), levava um beliscão. Se tivesse perto era um beliscão, de longe, era só o olhar. Alimentação: tinham os alimentos compulsórios (*risos*), que eram carnes, legumes e verduras. E tinham os alimentos opcionais. A ingestão dos alimentos tinha de seguir um determinado padrão. Coma verdura, legume e carne, que depois você pode comer o que você quiser. Mas tem coisas que fazem sentido. Não se mistura um monte de carboidrato num prato, ele dizia. Coisas que faço até hoje, mas porque acho que faz todo sentido do mundo e porque me habituei. E coisas quase anedóticas. As filhas tinham de tocar piano, todas duas. Ele botou um piano dentro de casa, obrigou a gente a estudar piano. Tinha de falar vários idiomas. Todos os dias, quando ele se aposentou, cinco anos antes de morrer — também foi até o fim, foi posto *pra* fora, igual a mim, parece eu —, ele ficava no gabinete de trabalho dele, lendo e conversando com a gente. Conversando sobre tudo ou nos obrigando e acompanhando *pra* fazer natação. Eu fiz seis anos de natação (*dando batidinhas na mesa*). Não tinha querer, não. Ele ia deixar, ia buscar. E, pelo menos, umas três vezes na semana, (*havia*) a obrigação de escutar uma hora de música clássica *pra* educar o ouvido. As meninas (*produção*) dizendo assim: “Mas você fala dele com admiração!” Falo! (*batendo na mesa*). Tem coisas que eu acho que não fazem sentido, sobretudo, porque os tempos vão mudando. Mas há hábitos que eu não só acho naturais, como cultivo e como tentei passar para os meus filhos.

Analu — Quais hábitos, principalmente, você tentou passar para os três filhos?

Júlia — Comportamento à mesa, o comportamento em relação ao outro. Por exemplo, o uso de expressões como bom dia, boa tarde, boa noite, por favor, obrigada, com licença, me desculpe, coisas que a gente não ouve com muita frequência. Foram hábitos estimulados lá em casa desde pequeno com os meninos, com os meus filhos. A questão do comportamento à mesa, eu cheguei a acabar um namoro com um rapaz, porque nós saímos *pra* comer na casa de amigos, e eu fiquei horrorizada com o jeito dele de sentar e de comer (*risos*). Isso quando era adolescente. E outro porque ia ler um livro “da Eça de Queiroz” (*escritor português*) (*risos*). A música clássica, mas não porque é clássica. Aprender a educar o ouvido no sentido de aprender a gostar de músicas. Eu sou uma pessoa que não conseguiria viver sem música. Eu gosto de música clássica, gosto de vários estilos, gosto de MPB, adoro samba.

Raíssa — Mas quando você fala do seu

pai dessa forma, tem dele uma pressão por inteireza, fazer as coisas de uma forma bem-sucedida?

Júlia — (*interrompendo*) Sim. Ele dizia, com outras palavras — esse é o meu lema —, “o que merece ser feito, é *pra* ser bem-feito”. Ou seja, fazer por fazer... Nada a ver. Depois, os meninos me cobraram, uma vez, numa sessão movida à álcool, que eu tinha (*dito*): “Se você quiser ser pipoqueiro, seja o melhor pipoqueiro da cidade, do estado”. Tinha funcionado como uma pressão, que tinha deixado todo mundo perfeccionista e achando que nunca chegava lá, no desejável. Claro que isso vem do meu pai.

Raíssa — Você também passou para os seus filhos?

Júlia — Sim, passei muita coisa. E passei muitas vezes sem me dar conta. Porque a psicologia e a sociologia motivacional estão aí *pra* mostrar que essas coisas são introjetadas no processo de socialização. Eu não ajo de determinadas formas porque meu pai me disse que era *pra* fazer assim. Foram incorporadas à minha subjetividade. Eu me lembro que, uma vez, os meninos eram menores, estávamos na mesa, e eu não sei que comentário eu fiz, e a minha prima, que estava almoçando, disse assim: “Ave Maria, parece que eu tô vendo o tio Miranda na minha frente!” Agora, a despeito de toda essa exigência, esse cotidiano quase militar, ele era uma pessoa que tinha um profundo respeito pelo outro. Ele exigia e ele pressionava, e os filhos dele tinham de ser bons (*ênfase*). A diferença começava a aparecer com a relação com as minhas amigas. Porque meu pai era assim, mas era um falido. O passado de engenho tinha ficado na história. Ele era um homem importante, porque era diretor do DNOCS, mas era pobre, sobretudo em relação aos pais das amigas com quem eu andava, que era a nata da nata da Fortaleza da época. Eram homens ricos, mas não tinham metade da formação e da informação que ele tinha. Era o único pai que tinha curso superior, era o único pai (*rindo*) que tinha 50 e tantos

“Até o dia em que eu já estava meio aborrecida e disse que as minhas ideias não estavam no meu batom nem no tamanho do meu salto. E, realmente, (*não tem*) nada a ver.”

Júlia não suporta o calor, por isso o ar-condicionado da sala estava muito forte. Algumas pessoas saíram arrepiadas de frio e de emoção ao final da entrevista.

A próxima parada, após a entrevista, foi o Bar do Assis, no bairro Benfica. Foi a segunda vez que a turma saiu com Júlia. A primeira aconteceu no final do semestre 2013.1, para marcar a última aula dela na graduação.

Júlia Miranda é conhecida por preferir whisky de, no mínimo, 12 anos. A exceção para cerveja é feita somente quando ela sai para beber com alunos.

anos de idade, porque ele era mais velho do que minha avó materna. Havia momentos em que eu tinha vergonha da idade dele. Cheguei a dizer uma vez no colégio, quando ele foi me buscar, que ele era o meu avô.

Paulo Jefferson — Júlia, você falou na pré-entrevista, da morte do seu pai e de como esse momento foi, de certa forma, difícil *pra* sua mãe, sobretudo, *pra* criar os filhos. E você não era mais uma criança nessa época. Então como é que foi que você viu...

Júlia — (*interrompendo*) Já ia fazer 16 anos. Mas foi um período muito brabo, muito brabo. Em termos do dinheiro que entrava em casa a diferença foi brutal. Mamãe passou a viver com uma pensão que... As pensões na época eram quase nada. E ela sempre disse: "Eu fiquei noites em claro pensando em como é que eu ia manter o padrão de vida de vocês sozinha e vivendo de pensão." Foram anos complicados, anos difíceis, mas ela se saiu muito bem.

Roberta — Júlia, você como mãe, depois de ter visto toda essa experiência da sua mãe, como é que você administrou tanto o seu lado profissional como esse outro lado de assistência aos filhos?

William — (*completando*) Você levou os três filhos pro doutorado, pro Canadá junto com você...

Júlia — (*interrompendo*) Foi. Eu jamais ia ficar dois anos lá sem as crias. Na verdade, não é fácil *pra* mãe e *pra* pai nenhum, não. Ter filho é coisa mais difícil que existe, é o maior desafio que tem. Uma hora dessas vocês vão ver. Quando eu me separei — a iniciativa foi minha —, eu fiquei muito carregada. Primeiro, um sentimento de culpa de uma ruptura que ia ser muito ruim pros meus filhos e preocupada como é que eu ia fazer *pra* organizar as Juju, como eu disse *pra* eles. Eu chamei os três e digo: "Olhem, a gente *tá* se separando, mas eu não sou só mãe, como eu também não era só a mulher do papai. Eu sou várias Jujus e eu não quero apagar nenhuma delas. Então, isso não vai acontecer porque a gente *tá* se separando." E eu acho que eu disse *pra* eles mais para eu me ouvir dizendo isso. E a minha

"Eu não morreria sem ter um filho, sem ser mãe. Ser mãe, *pra* mim, é muito bom. Mas é muito bom ser mãe de pessoas absolutamente independentes (...)."

A professora ficou chocada, nas duas vezes que saiu com a nossa turma, por metade dela não gostar de bebida alcoólica. Por conta disso, Júlia denominou essa parte da classe de "Meninas de Jesus", as duas produtoras da entrevista incluídas no grupo.

vida foi isso o tempo todo, essa tentativa de articular. Não sei se me saí bem, mas todas as experiências, mesmo as experiências profissionais que eu vivi daí *pra* frente, foram sempre compartilhadas com eles. Eu *tava* até lembrando *pras* meninas (*produção*), eu viajei uma vez *pra* passar três meses na Alemanha, o Bernardo ainda ia fazer sete anos. Na época, não tinha internet, Skype. Eu fazia carta de oito páginas *pra* eles tentando colocá-los nos mesmos lugares e viver as mesmas experiências que eu estava vivendo. Eu fui tentando fazer do meu jeito com que a Juju mãe, a Juju curiosa, pesquisadora ou o que for, a Juju mulher, mantivessem um mínimo de harmonia.

Luana — O que significa a maternidade *pra* ti?

Júlia — Tudo (*ênfase*). Do ponto de vista pessoal, é importantíssimo. Eu não morreria sem ter um filho, sem ser mãe. Ser mãe, *pra* mim, é muito bom. Mas é muito bom ser mãe de pessoas absolutamente independentes, que têm as suas vidas e constroem os seus ninhos onde acham melhor. Tanto é que uma construiu na Escócia, a outra construiu no Canadá e o outro, não sei por quanto tempo vai estar aqui, mas vai sair *pra* residência (*médica*).

Analu — Você falou da maternidade do ponto de vista pessoal. Falando do ponto de vista mais profissional e pessoal, hoje com a sua maturidade, se você pensasse assim: quem seria a Júlia hoje se algum dia na sua vida você tivesse que ter escolhido entre a pesquisa e a maternidade? Você acha que seria uma Júlia extremamente feliz...

Júlia — (*interrompendo*) Isso não ia ter acontecido, não. Pensar "e se" não faz muito sentido, não. Porque se eu comecei dizendo que a minha convicção de viver é sair fazendo escolhas, e essas escolhas não são racionalizáveis, muitas vezes, nem no momento nem depois olhadas à distância... São escolhas. Bom, eu não fiz essa escolha. Quando eu me casei, eu já era jornalista, já assinava como Júlia Miranda. Tanto é que quando eu troquei o nome (*sobrenome do marido*), eu digo: "Que besteira é essa? Eu sou é Miranda!" Voltei e destroquei. Assim que eu me divorciei, voltei a usar meu nome de solteira. E, quando me dei conta da besteira que tinha feito, continuei assinando como Júlia Miranda. Então, vira e mexe, se vocês forem lá *pras* matérias do jornal *O Povo* dos anos 1973, 1974, vocês vão ver matéria assinada como Júlia Canoco.

Jéssica Maria — Mais um ato de conservadorismo?

Júlia — (*concordando*) Mais um ato de conservadorismo. Não sei. Eu mesma não esperaria de mim que eu fosse trocar de nome. Não sei se naquela época era obrigado, não sei. Mas, enfim, a verdade é que eu troquei.

William — Essa o Silas pediu *pra* que a gente perguntasse. A Júlia teve muitos amores?

Júlia — (*sussurrando*) É um filho da puta! (*risos*) E ele ontem chegou na aula, bem aqui no ouvido para os alunos (*mestrandos*) não escutarem e disse assim: “Aqueles coisas eu não contei. Eu sou doido, mas não sou tanto.” (*risos*)

Joyce — Que coisas são essas, hein, Júlia?

Júlia — Safadeza dele. O Silas é meu amigo. Eu hoje — eu quero frisar —, mesmo que eu me aposentasse hoje, eu ainda teria sido a professora do curso de Comunicação que mais tempo ficou desde a sua fundação.

possessividade. Mas são coisas, eu acho, que são administráveis. Eu nunca me senti tão bem como quando eu passei cinco anos com alguém que eu dizia: “Ainda bem que é só namorado, que com esse eu não casaria nunca.”

Luana — Nas conversas que as meninas tiveram com a Carolina, ela disse que as mudanças dela e da Mariana foram difíceis, mas muito diferentes. Eu queria saber como foi a mudança delas duas. Como é que você lida com elas à distância e um neto agora?

Júlia — É como eu estava dizendo antes, Luana. Eu sinto saudade, sinto orgulho de ter dado a eles todos os instrumentos

Júlia sempre insiste para pagar a conta. Na primeira vez que saímos juntos, ela jogou o dinheiro de Roberta de volta, indignada com a “ousadia” da aluna.

“Essa minha condição de independência e de liberdade é enormemente mais atraente do que a solidão. (...). E eu consigo ver muito mais o lado positivo disso que o lado negativo.”

Nem Adísia Sá, ninguém, ninguém, ninguém ficou 37 anos no curso de Comunicação. E, quando eu entrei há 37 anos, aliás vai fazer 38 agora em fevereiro, o Silas foi da minha primeira turma de alunos. Ele é dois anos e meio mais novo que eu só. Mas ele entrou tarde como aluno, e eu entrei cedo como professora. E ao cabo de dois anos a gente já era amigos. Então a gente é amigo mesmo. O Silas foi meu confidente em vários momentos da minha vida nesses últimos 37 anos, e eu da dele. Já tomamos porre juntos, já choramos juntos... Todas as merdas que eu fiz nessa área (*amorosa*), o Silas sabe, foram compartilhadas com o Silas. Sim, sim! Eu disse que não queria ficar casada, não disse que ia virar freira (*risos*). Então tive, sim, vários e intensos amores. Amores mais livres e amores mais proibidos também. Chorei muito, mas também ri muito.

Bárbara — Júlia, a liberdade parece ser algo que a faz imensamente feliz. Quando você fala da separação parece que você teve um retorno a essa vivência de ser mais livre, de ser mais independente. Eu gostaria de saber se você acredita hoje se é possível conciliar amor e liberdade.

Júlia — Sim. Em primeiro lugar, eu quero deixar claro que o meu ex-marido sempre foi um companheiro. Eu que não nasci *pra* viver junta com ninguém. A gente é amigo até hoje. No começo foi difícil, porque ele se afastou bastante, ficou meio magoado, mas o tempo resolve tudo. E a gente hoje é muito amigo. Conciliar amor e liberdade... Eu acho que só depende das duas pessoas envolvidas na relação. Nós, seres humanos, eu penso que nós temos uma certa necessidade de controle sobre o sujeito amado, uma certa

necessários *pra* que eles construíssem suas vidas onde achassem que era melhor. A Carol mora na Europa há 13 anos. Ela terminou a faculdade em um mês, e, no mês seguinte, ela foi embora. Então, ela, o estilo, a cabeça da Carol... Inclusive, eu vejo, como mãe, significativamente, diferente da Mariana, por exemplo. Elas são muito, muito próximas, mas são diferentes. A Carol é uma ousada por natureza. Eu me lembro quando ela era adolescente já, eu dizia que a Carol era a adolescente que eu gostaria de ter sido. Largada (*ênfase*) (*risos*). Ela mora sozinha. Morou cinco anos na Espanha, mora há oito na Escócia. A Mariana, não, é mais acomodada. Eu me surpreendi quando a Mariana decidiu ir embora pro Canadá. Quando a gente voltou do Canadá, no final do meu doutorado, elas voltaram chorando. E a Mariana dizia: “Mãe, você vindo ou não, eu vou voltar pro Canadá.” E eu dizia assim: “Eu tenho tudo contra você ficar no Canadá sem ter terminado uma faculdade.” Olha meu pai de novo, que ele dizia: “Filha minha só se casa com uma faculdade e uma profissão *pra* não depender de ninguém.” Um velho de 56 anos dizendo isso! Mas, nesse ínterim, ela fez faculdade e casou e, depois, disse que ia embora pro Canadá. Chorei, sobretudo, por causa do neto, porque eu digo: “Mariana, eu te fiz, eu te vi crescer. Agora o Lucas, além de não ter sido eu que fiz, ainda não vou ver crescer.” É mais complicado. Então, nesse sentido logístico, a decisão de morar no hemisfério norte foi diferente *pras* duas. Mas *pra* mim é a mesma coisa, é a mesma saudade.

Camila — Júlia, como é essa sua relação com seu neto, à distância?

Ela ficou indignada porque o professor Ronaldo não pôde comparecer devido a uma orientação no mesmo horário.

Após a entrevista, Júlia Miranda pedia, recorrentemente, para ver as fotos, mas a produção não queria antecipar a surpresa. Depois de muita insistência e com o aval do professor Ronaldo, o material foi enviado, deixando a professora bastante satisfeita.



Júlia — De amor profundo à distância. Eu decidi que eu não vou ser vovó Skype, porque eu tenho duas amigas que são. Elas vivenciam, tem uma que faz o neto dormir pelo Skype. O neto na Nova Zelândia, cara! É muita piração! Com a Mariana e o Lucas, eu converso uma vez por mês, a cada 20 dias pelo Skype, não tenho saco de ficar na frente de uma televisão conversando. Tenho horror, horror. Às vezes, eu prefiro ligar. Acontece de, no caminho da universidade, eu pegar o celular e ligar *pra* Edimburgo (*capital da Escócia*) ou pro Quebec (*provincia do Canadá*). As meninas dizem assim: “Ganhou na loto hoje, foi?” (*risos*)

William — Júlia, a gente vê como a família é importante *pra* você. Tem momentos em que você se sente sozinha?

Júlia — Tem (*ênfase*) muitos. Muitos, muitos. Eu digo *pras* meninas: “Gente, eu sinto uma falta enorme daquele grande almoço semanal — na minha cabeça, *né?* — em que todos estão juntos, todos falam dos seus projetos, das suas vidas, do que *tá* fazendo, do que não *tá*.” Mas é só disso! Não sinto nenhuma falta de gente ligando: “Mãe, dá *pra* tu ir pegar fulano no colégio? Mãe, leva fulano *pra* aula disso?” Disso, eu não sinto falta não. Vou nem mentir. Agora, quando meu neto *tá* aqui, é paixão absoluta. Ele dorme no meu quarto, e ai de quem ousar sugerir outra coisa *pra* ele. “Não, não. Eu vou dormir com a vovó Juju porque eu adoro nossas conversas.” (*risos*)

Analu — O que é que dói mais de não ver o Lucas crescer? É de não poder ensinar muitas coisas...

Júlia — (*interrompendo*) Isso. Eu, uma vez, dizendo pro Bernardo — aquele bicho é brabo. Dizem que é o mais parecido comigo — eu dizendo pro Bernardo: “Vê se vocês fazem logo algum menino, porque eu estou ficando velha, cara”. E eu sinto falta de ter um neto *pra* conversar horas, coisa que eu não posso mais fazer com o Lucas. Ele saiu daqui tinha quatro anos. Conversar, passar um pouco do que eu sei, aprendi. Afinal de contas, eu acho que minha trajetória de vida é rica. Eu fiz muito mais coisa do que a grande maioria do povo da minha geração, em termos de inserções múltiplas. Aprendi muita coisa. Lendo e

estudando, mas aprendi muita coisa vivendo. E eu queria poder passar isso pros netos. E eu dizendo pro Bernardo: “Ah, meu deus, daqui a pouco não vai dar *pra* eu ter um neto adolescente *pra* conversar.” Ele completou: “*Pra* fazer a cabeça. Tu *tá* pensando que vai fazer a cabeça dos meus filhos, *é?*” “É exatamente essa a minha ilusão e o meu desejo.” É fazer a cabeça dos netos. No bom sentido, vocês me entendem, *né?*

William — Você falou para as meninas (*na pré-entrevista*) que tem medo do irreversível. E você fala com muita tristeza mesmo da morte dos seus familiares. Você tem medo da morte...

Júlia — (*interrompendo*) Não.

William — Como uma pessoa que não tem religião, como é que você vê a morte?

Júlia — Eu vejo minhas cinzinhas lá na Ponte dos Ingleses. Não tenho medo da morte. Isso também eu não tenho a menor dúvida. Eu tenho medo das consequências do envelhecimento em relação às limitações. De morrer, eu não tenho (*ênfase*). *Pra* mim, morreu, morreu. Não me ponho a pensar muito sobre essas questões, porque, *pra* mim, a imortalidade significa você ter deixado pessoas que se lembram de você e do que você fez. Digamos que os meus alunos se lembrem de mim, que me mantenham viva cada vez que forem para uma mesa de bar e começarem a beber. Mas o tempo vai passando, vai passando, vai passando, que, daqui a pouco, vai chegar uma geração que sabe lá quem diabo foi Juju. Então, aí, eu morri. Aí, eu terei morrido. *Pra* mim, é simples assim.

Andressa — A Carolina falou *pra* gente que tem um momento marcante na vida dela, no modo como ela vê você, quando a sua mãe morreu. Ela disse que tiveram dois momentos: de uma fortaleza muito grande sua *pra* lidar com esse momento, e depois quando você se permitiu vivenciar o luto. Eu queria saber de onde você tira a sua força *pra* ser esse porto seguro para os seus filhos, porque os três se referenciaram a você dessa forma.

Júlia — Vai me fazer chorar (*voz embargada*). Sei não, mas eu já levei tanta bronca da minha analista, porque, segundo

Joyce encontrou Júlia Miranda na confraternização de fim de ano dos professores e servidores do curso, onde a professora recebeu uma homenagem dos colegas. Coincidentemente, na ocasião, ela elogiava a turma para eles.

ela, eu não me permito ser fraca. E eu acho que, lá no fundo, é verdade. Eu não me permito ser fraca e a sensação que eu tenho é que, cada vez que as meninas dizem isso, e dizem com bastante frequência, do porto seguro, eu me sinto pressionadíssima a não me deixar ser fraca. E isso não me faz bem, não, mas eu não sei como dizer *pra* eles. Até agora não soube ainda. Mas realmente eu segurei sozinha a peteca da minha mãe, porque minha irmã vinha aqui e olhe lá. E meu irmão tinha morrido, mas... Chegou um momento em que eu disse: "Não, agora já chega, agora dá *pra* desabar legal." Deve ser desse momento que a Carol se lembra. Mas, imediatamente, eu me sinto comprometida com essa história do porto seguro. E é verdade, porque, cada vez que eu não posso fazer, eu entro em parafuso, que a analista também já disse: "É a mania de querer ter tudo sob controle." E eu até disse uma vez: "Quem é que não quer?" O negócio é a gente entender que nem tudo é controlável por você. E, quando se der conta de que não é controlável, criar forma de lidar com isso. Enfim...

Joyce — Júlia, então *pra* gente encerrar a conversa, eu vou fazer a última pergunta. O Bernardo nos disse que, apesar da sua obsessão pela autossuficiência, você desperta paixões nas pessoas. Eu imagino que ele estivesse se referindo às pessoas que, de modo geral, fazem parte da sua vida. Eu gostaria de saber se você concorda e como é que você entende essa relação que ele faz...

Júlia — *(interrompendo)* Não, vai me fazer fazer um discurso narcisista a essas alturas, não, Joyce, pelo amor de deus *(risos)*. Enfim... *(pausa)* A única coisa que posso admitir que acho é que, apesar de eu me achar dura em relação a uma porção de coisas, realmente, eu nunca tive dificuldade *pra* ter amigos e *pra* conviver bem com amigos, com colegas, com alunos.



Apesar das dificuldades por ser a primeira entrevista da Revista e também a primeira realizada em grupo pela turma, Ficamos felizes por ter sido Júlia Miranda a escolhida para tal. A familiaridade com a professora diminuiu um pouco a tensão e o nervosismo.

Contudo, durante as aulas anteriores à entrevista, o professor Ronaldo Salgado nos advertia que estaríamos presentes na sala como entrevistadores e não como alunos de Júlia Miranda. Fica ao critério do leitor decidir se cumprimos ou não a tarefa.